MEMORIAS

DO

BOM JESUS DO MONTE

EM BRAGA

Segunda edição, reformada, augmentada e ornada de estampas

POR

Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel.

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1861

MEMORIAS

DO

BOM JESUS DO MONTE

EM BRAGA.

MEMORIAS

DO

BOM JESUS DO MONTE

EM BRAGA

POR

Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel

Segunda edição, reformada, e augmentada.

Le vulgaire l'admire, et ne le comprend pas.
LAMARTINE

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1861

(DEDICATORIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO)

Ao Ex.mo e Rev.mo Senhor

D. PEDRO PAULO DE FIGUEIREDO DA CUNHA E MELLO

ARCEBISPO E SENHOR DE BRAGA,
E PRIMAZ DAS HESPANHAS.

Nos curtos saudosos dias, que passei em Braga em 1843, teve Vossa Excellencia a generosa bondade de me animar na idêa, que eu concebêra, mas que receava não poder desempenhar dignamente, de publicar uma descripção e historia do famoso Monumento Religioso do Bom Jesus do Monte.

O fructo do meu trabalho é o presente opusculo. Devido, como é, aos conselhos e lisonjeiras instancias de Vossa Excellencia, só a Vossa Excellencia pertence escudal-o com o seu nome, dando-lhe assim o merecimento, que de per si não tem.

Digne-se pois Vossa Excellencia de acceitar este singelo testemunho de viva gratidão e da mais respectuosa consideração, com que tenho a honra de ser

De Vossa Excellencia,

Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo de Braga,

Discipulo o mais attencioso e obrigado

Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel.

O Bom Jesus do Monte, apezar de ser um monumento religioso de grande nomeada, esteve por muito tempo desconhecido ao longe por falta d'uma descripção individuada; pois a unica, de que temos noticia, anterior á primeira edição das Memorias do Bom Jesus, e que tinha por titulo — *Descripção do prodigioso e augusto Sanctuario do Bom Jesus do Monte* — além de ser insufficiente tanto na parte descriptiva, porque foi publicada em 1793, e por tanto muito antes das obras modernas, como na parte historica, porque pouco nos esclarece ácerca da instituição e progressos do Sanctuario, é menos uma descripção e historia, do que um livro de reflexões moraes e religiosas.

As Memorias do Bom Jesus do Monte, com quanto longe estejam da perfeição, supprirão até certo ponto aquella falta; e bem o mostra a acceitação, para nós summamente grata e lisongeira, que teve a primeira edição publicada em 1844, que toda se exhaurio instantemente.

vam desseminadas, addicionando-lhes as que posteriormente podémos obter, ácerca da instituição e progressos do Sanctuario; graças espirituaes, que têm sido concedidas aos que o visitarem; legados e suas obrigações; govêrno da confraria, seus fundos, rendimentos e administração.

Algumas linhas dedicámos tambem a Braga, a seus usos religiosos, e ao espirito agasalhador de seus habitantes.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

Pag.

Topographia do monte, e descripção do portico e das tres primeiras capellas, suas fontes mythologicas, e estradas para o alto do monte. 1
Seguintes capellas da paixão, suas fontes e passeios. 10

SEGUNDA PARTE

Escadorio dos cinco sentidos 19
Escadorio das virtudes. 32

TERCEIRA PARTE

Cascata, e capellas da elevação da cruz e do descimento 47
Terreiro em frente e aos lados do templo 50
Exterior do templo 55
Interior do templo..... 63
Notas biographicas do architecto do templo. 71
Avenida..... 75
Grande alameda e terreiro dos Evangelistas..... 78
Passeio da mae d'agua, e resto da mata..... 84

QUARTA PARTE

Instituição e progressos do Sanctuario..... 89
Graças espirituaes 97
Legados..... 104
Fundos e rendimentos da confraria..... 108
Govêrno da confraria, e administração do Sanctuario..... 111

Lith. da Impr. da Universidade

CAMPO DE S.TA ANNA EM BRAGA.

I

Topographia do monte, e descripção do portico e das tres primeiras capellas, suas fontes mythologicas, e das estradas para o alto do monte.

As serras do Oural, Aboim da Nobrega, São Pedro Fins, Nossa Senhora da Abbadia, Carvalho d'Este, Espinho, Sameiro, Falperra, Sancta Martha, Amarella, Bom Despacho, e Castello, seguindo-se umas ás outras em differentes distancias (1), formam uma larga bacia, no meio da qual está assentada sôbre a cumiada d'um pequeno oiteiro a muito antiga e fermosa cidade de Braga.

A serra d'Espinho é dividida em dois altos montes fronteiros. Sôbre um d'elles, que mais particularmente é nomeado *monte Espinho,* extende-se a freguezia de S. Martinho; e pelo outro a de S. Eulalia de Tunões, d'onde lhe chamam *o monte de S. Eulalia.* Toca este a mais elevada linha horisontal d'aquelle, e fórma para a banda da cidade um plano inclinado e escabroso, em parte ainda co-

(1) Ficam ao norte as serras do Oural e Aboim da Nobrega, aquella a duas leguas, esta a duas e meia de Braga. Ao nordeste as de S. Pedro Fins, a legua e meia, e de Nossa Senhora da Abbadia, a tres leguas. Ao nascente as de Carvalho d'Este, a uma legua, e de Espinho a tres quartos de legua. A sueste a de Sameiro, a meia legua. Ao sul as de Falperra, a meia legua, a de S. Martha, a tres quartos de legua. Ao poente a da Amarella, a meia legua. A noroeste as do Castello, a legua e meia, e do Bom Despacho a duas leguas e meia.

berto de encastelladas rochas, e apicadas penedías, o qual se extende e vae adoçando pouco e pouco até os confins da freguezia de S. Victor na extremidade oriental de Braga.

Sôbre a encosta occidental d'este monte está construido o famigerado Sanctuario do Bom Jezus do Monte (2).

Conduz para ahi obra de tres kilometros uma estrada pouco espaçosa, em parte povoada de cazaes, quasi toda calçada e orlada de castanheiros, sobreiros, choupos, e outras arvores, que, entrelaçadas, como é de costume na provincia de Entre Douro e Minho, offerecem aos olhos agradavel perspectiva, e dão fresca sombra em dias calmosos.

Após uma comprida, e em alguns pontos ingreme subida pelo monte, voltando de norte para nascente, dá de rosto o visitante com o portico do Sanctuario. Dois formosos obeliscos abrem entrada a um passeio longo e espaçoso (3), que conduz ao portico. Extendem-se a seus lados varzeas, e terras de sementeira. Ao cimo d'elle correm duas estradas, que, volteando o monte, encaminham ás hospedarias, ao templo, e aos mais altos pontos da montanha, uma pelo norte, calçada em parte, por vezes reformada, mas sempre íngreme e irregular, a outra pelo sul, de mac-adam, bem lançada, e ainda em construcção.

Chegados ao portico, sobem para este doze degraus com um patim, que os divide em dois lanços eguaes (4).

O portico é uma das obras mais curiosas do monte do Sanctuario. Formado, assim como todas as outras obras, de granito pardo-escuro, conhecido alli pelo nome de pedra fina, em que as provincias do norte abundam, eleva-se em volta de sarapanel (5). Tão solidamente e por tal arte construido, que, apezar de estar apenas susten-

(2) A estampa 1.ª representa o *campo* de S. Anna, quasi na extremidade oriental de Braga, e em frente d'elle o monte do Bom Jezus.

(3) Tem de comprimento 104^{m}, e de largura 13^{m}.

(4) De comprimento de 3^{m},50, e de largura 22^{m}.

(5) De altura 7^{m},26, e de largura 3^{m},50.

Est. 2.ª

Lith. da Imp. da Univ.ᵉ

O PORTICO E AS TRES PRIMEIRAS CAPELLAS

tado em seus estreitos cunhaes, tem zombado dos abalos da terra e dos furacões, que 'naquellas partes tamanha impressão fazem, é tambem admiravel por sua figura simples e singella, mas esbelta e bem acabada (6).

Sôbre os cunhaes do portico pouzam dois ornatos esphericos; tem em remate uma cruz archiepiscopal entre quatro pyramides, e embutida pela parte de dentro uma esphera armillar. Pende do arco o brasão do Arcebispo D. Rodrigo de Moura e Telles, em campo vermelho sete castellos d'ouro em tres palas, tendo a do meio tres castellos.

Na parte exterior de cada um dos cunhaes do portico está aberta em lapida quadrada uma inscripção em lettras maiusculas. A do cunhal direito, ou á esquerda de quem entra, diz:

JERUSALEM SANCTA RESTAURADA,
E REEDIFICADA
NO ANNO DE 1723.

Corresponde-lhe no outro cunhal a inscripção:

PELO ILLUSTRISSIMO
SENHOR DOM RODRIGO
DE MOURA E TELLES
ARCEBISPO PRIMAZ (7).

Desde o portico até o *escadorio* (chamaremos esta a primeira parte do Sanctuario) encontram-se oito capellas, que representam passos da vida e paixão de Jesus Christo. Conduzem d'umas para as outras, encosta acima, passeios

(6) Estampa 2.ª

(7) Se as reformas projectadas para as obras do Sanctuario forem executadas, o portico será reconstruido com maior dimensão, tendo uma empena com a seguinte legenda em letras maiusculas — Jerusalem Sancta, restaurada no anno de... Em frente d'elle formar-se-ha um páteo circular

compridos, espaçosos e um pouco íngremes, divididos, cada um, em dois lanços com alguns degraus no princípio, no meio, e no fim. É formado o pavimento d'estes passeios de pedra meúda em caixilhos de cantaria. Acompanham os passeios, prendendo no portico e cercando as capellas a pouca distancia, parapeitos cobertos de lage, e guarnecidos de musgo onde a fresquidão é maior: sôbre estes parapeitos encontram-se, de espaço em espaço, ornatos em fórma de esferas uns, e de pyramides outros. Juncto de cada capella ha uma fonte, allegorisada por emblemas mythologicos. As duas primeiras fontes sahem dos cunhaes do portico; as outras estão construidas sôbre os parapeitos ao lado das capellas, terminando umas em pyramide, outras em esphera armillar com pyramide, e têm na tarja o nome d'uma divindade pagã, e os emblemas, pelos quaes esta é conhecida na mythologia. Todas lançam sôbre bacia de meia concha um jorro abundante de purissima agua, que d'ahi se some para o interior, indo depois perder-se na estrada. A sua construcção é tosca, e os emblemas acham-se, pela maior parte, quasi carcomidos pelo tempo.

Muitas vezes temos ouvido censurar esta mistura do

de 22^m de diametro, dividido em quatro partes, cada uma com sua fonte. A primeira ha de representar um veado em acção de beber, e terá a inscripção:

UNA SALUS
CERVUS AD FONTES AQUARUM.

A segunda um cordeiro ligado sôbre uma ara, e a inscripção:

HOSTIAM DEO
DE FONTIBUS SALVATORIS.

A terceira uma phenix em acção de renascer de sôbre uma fogueira, e a inscripção:

ET PASSIO ET RESURRECTIO
FONS VITAE.

A quarta, que será um pelicano ferindo o peito, terá a inscripção:

PASSIO CHRISTI
ERIT FONS PATIENS.

sagrado com o profano, ou de objectos do christianismo com as divindades, a quem rendeu cultos a antiguidade pagã. Parece-nos mal cabida a censura. O gosto pela mythologia havia-se tornado outr'ora tão universal, que os maiores genios nas artes de imitação representavam tudo pelos emblemas da fabula. Sirva de exemplo o nosso Camões, que reuniu o maravilhoso da mythologia com o da religião christã (8), e Sanazaro, que fez vaticinar á Sybilla o nascimento do Messias (9). D. Rodrigo de Moura e Telles cedeu ao gosto do tempo: para desculpal-o bastára o costume geralmente recebido; cremos porém que mais longe fôra o pensamento do insigne Prelado. Por ventura quizera significar por aquelles emblemas que desde todos os tempos o mundo reconheceu a existencia d'um ser bemfazejo, que os povos acreditavam ter baixado á terra debaixo de differentes fórmas para ensinar os homens, e a quem adoravam como dispensador de todas as graças. Assim adoravam no sol o deus da vegetação; na lua a deusa da castidade e da caça; em Apollo o deus da poesia, da medicina, da musica e das artes; em Marte o deus das victorias; em Mercurio o deus da eloquencia e do commercio; em Saturno o deus da agricultura; em Jupiter o senhor omnipotente de toda a terra; e muitos outros. Mas o espectaculo d'um Deus, creador do universo, que se fez homem e martyr para salvar esses mesmos que o desconheceram e injuriaram; a expressão dolorosa de seus tormentos, tão ao vivo representados nas capellas da paixão; e defronte d'isto o espelho das antigas superstições, filhas da cegueira dos povos, servem para desarreigar do coração do homem preconceitos de irreligião, e firmar-lhe a crença pura e sincera dos mysterios do christianismo. Eis-aqui o que significam, a nosso ver, os emblemas da mythologia juncto das capellas da vida

(8) Luziadas, cant. II, est. 10 e segg.; cant. X, est. 40, 80, etc.
(9) Poema — *de partu virginis.*

e paixão de Christo. Eis-aqui por que maneira o fundador do Sanctuario quiz ensinar as verdades da religião christã pelas falsidades do paganismo. Maravilhoso pensar do homem insigne, que tão feliz imaginação mostrou no desempenho do mais sancto contraste de objectos entre si tão avessos, e que parece não poderem mutuamente compadecer-se! Sirvam estas poucas linhas para render nosso tributo de respeito e admiração ao grande Prelado, cujo nome é inda hoje acatado em Braga, passando sua memoria de pais a filhos em perenne herança de saudade e veneração.

Magestosas carvalheiras, platanos e outras arvores, com quanto plantadas sem regularidade em mata pouco espessa, toldam com seus extensos ramos as capellas e passeios. Umas, alargando suas cimas, cobrem immensidade de rebentos, que do tronco hão brotado; viçosos e corpolentos, uns d'estes procuram romper por entre a enramada coma do commum tronco, e outros, elevando-se da baze em compridas vergonteas, foram enchertados no tronco primitivo por meio de braços, que este lhes extendeu, amparando-os em sua marcha ousada para poderem mais affoitamente trepar ás nuvens, — emblema do amor paternal, sempre cuidadoso em dar a mão aos debeis filhos, que no verdor da mocidade se deixam ir seu caminho arrebatado sem razão nem fôrças para resistirem aos revézes do mundo.

Todas as capellas d'esta parte do monte têm a mesma architectura, simples, e da ordem toscana, com frestas envidraçadas, grande porta almofadada e levantada em arco, largas gelosias de ferro, e cupula quarteada na baze, que vai estreitando até terminar em pont'aguda. Pende da cornija, como no portico, o brazão do Fundador, e uma lapida com a inscripção relativa ao passo, que se ahi representa, da vida ou da paixão de Jesus Christo. As estatuas são, na sua maior parte, grosseiras, e não têm a curiosa singularidade, que as capellas da

mata do Bussaco apresentam, de ser similhante em todas o rosto do Senhor. Frequentes vezes encontram-se quebradas ou mutiladas as dos judeos, effeito da superstição do povo, que em toda a parte, onde se veneram os passos da paixão, julga fazer uma obra meritoria, vingando nas estatuas dos judeos os ultrajes feitos a Jesus Christo. Com quanto simplices e pouco espaçosas, não respiram estas capellas a humildade e pobreza, que fôra de esperar em sitio ermo, consagrado ao retiro e á meditação; revelam, pelo contrario, mão poderosa, que preferíra erigir monumento de grandeza onde mais proprio fôra refugio de penitencia. Mas por isso não perdem, — que não só a pequenez e pobreza das capellinhas da paixão no Bussaco, e o religioso recolhimento, a que naturalmente convida a solidão de seus passeios em sombria floresta, inspira devoção. Quem visitar o Sanctuario do Bom Jesus do Monte, se admirar a grandeza de suas obras, nem por isso deixará de se occupar ahi d'outros menos mundanos pensamentos,—que a mesma largueza e propriedade, com que são representados os passos da vida e paixão de Christo, e as grandes ramadas, que, toldando o ar, fazem d'este sitio um retiro melancolico, levantarão o seu espirito a profundas considerações religiosas.

As duas primeiras capellas ficam dentro do portico, uma de cada lado, a curta distancia d'elle (10) mediando entre ambas um patim (11), para o qual sobem tres degraus.

A primeira fica ao lado esquerdo do portico, ou á direita de quem entra; representa a casa do Cenaculo, em que Jesus Christo, ceiando com os seus discipulos, instituiu o Sacramento da Eucharistia; e tem a inscripção (12):

(10) 3^{m}.

(11) $8^{m},36$ de largura de N. a S., e $6^{m},16$ de comprimento de L. a O.

(12) O vers. 26 do cap. 26 de S. Math. diz—*coenantibus .. eis*,—e não—*coena facta*.

O vers. 13 do cap. 2 de S. João não tem applicação.

« Estando elles... ceando, tomou Jesus o pão... e disse... comei: este é o meu corpo » (Trad. de A. Pereira de Figueredo, ediç. de 1818).

COENA FACTA... ACCEPIT JESUS PANEM.... ET AIT .... COMMEDITE: HOC EST CORPUS MEUM.
JOAN. 13, 2.
MATH. 26, 26.

A segunda capella, que lhe fica fronteira, representa o horto de Gethsemani, no monte Olivete ou das Oliveiras. A atitude de Christo em oração, e a dos Apostolos, especialmente a de S. Pedro, na acção de dormir, são dignas de notar-se; e o repucho, que rebenta do pavimento, é de fabrica tão perfeita e bem acabada, que salta aos olhos como obra prima de invenção e bom gôsto. Tem esta capella a inscripção (13):

FACTUS IN AGONIA PROLIXIUS ORABAT. LUC. 22, 43.

No cunhal esquerdo do portico e por debaixo da inscripção, está aberta a fonte da *Lua*, representada pelo quarto minguante d'este planeta em alto relevo. No cunhal direito está a fonte do *Sol*, com a figura d'este planeta tambem em alto relevo e por baixo da inscripção.

Em seguida do patim das duas primeiras capellas abre-se, encosta acima, o passeio para a terceira capella (14), que, avistando-se por entre o portico, num pequeno patim (15), para o qual sobem os ultimos degraus do pas-

(13) «Posto em agonia, orava Jesus com maior instancia.»
(14) Tem de comprimento 33^{m}, e de largura 4^{m}.
(15) De comprimento 5^{m}, e de largura $1^{m},65$.

seio, representa a traição de Judas, e a prizão de Jesus Christo. A inscripção diz (16):

MANUS INJECERUNT IN JESUM, ET TENUERUNT EUM. MATH. 26. 50.

Sôbre o parapeito, á direita da capella, ou á esquerda de quem sobe, está a terceira fonte mythologica com os emblemas de *Diana* — mão, aljava e arco. O nome da divindade acha-se inteiramente desfeito.

A entrada do Sanctuario, que do passeio, que se lhe abre em frente, se avista no meio d'um arvoredo verde-escuro, com as duas primeiras capellas, que a seus lados figuram como duas sentinellas do Sanctuario, e com a terceira, que lá ao longe alveja por entre o portico, formando um triangulo com aquell'outras duas, offerece uma das mais vistosas perspectivas do monte (17). E este aspecto, tão melancholico e solemne, infunde no visitante sentimentos de respeito e admiração, que o predispõem para examinar com interesse tudo o mais que vai ver.

(16) « Lançaram mão de Jesus, e o prenderam.»

(17) A estampa 2.ª representa o portico e as tres primeiras capellas ainda sombreadas pelas extensas e frondosas ramadas d'uma carvalheira majestosa, a maior por certo das da mata, que foi ha pouco arrancada para construir e alargar a estrada do Sul ! ! !

II

Das seguintes capellas da paixão, suas fontes e passeios.

Os passeios, que d'aqui para cima conduzem ás outras capellas da paixão, sobem em zig-zague, e são muito mais compridos.

O primeiro d'estes passeios (18), que é o segundo do monte, sóbe do patim da terceira capella para o sul; no patim superior, á direita de quem sóbe, está a fonte de *Marte* com os emblemas — alfange, pistolla e lança (19), e em frente a quarta capella, que representa o pretorio de Pilatos, em que Jesus Christo, prezo á columna, foi açoutado. Tem a inscripção (20):

APPREHENDIT
PILATUS JESU,
ET FLAGE-
LAVIT. JOAN.
19, 1.

Todas as capellas do Bom Jesus do Monte são visitadas com frequencia; mas o respeitoso acatamento e a especial devoção do povo de Espinho pela capella dos açoutes merecem commemorar-se. Por práctica antiquissima o povo d'Espinho, na sua passagem pelo monte do Bom Jesus, dá volta em derredor da capella, ajoelha diante d'ella, ora, e segue seu caminho. Por vezes o presenciámos; mas d'uma d'ellas sobremaneira nos compungiu a devoção, com que duas pobres mulheres, em cujas faces macillentas já se desenhavam as rugas da avançada ida-

(18) De comprimento 55m.
(19) A pistolla 'naquelles tempos mythologicos é um anachronismo.
(20) « Tomou Pilatos a Jesus e o mandou açoutar. »

de, voltearam de rastos a capella, indo depois orar diante d'ella em voz alta e de joelhos. Estavamos em alguma distancia, e ahi nos deixámos ficar, gozando, até o fim, com prazer d'esta scena de fervorosa piedade.

Segue para nordeste outro passeio (21), ao cimo do qual está em frente a quinta capella, e ao lado direito d'esta a fonte de *Mercurio*, com os emblemas — um braço e mão pegando do caduceo. Representa a capella o mesmo pretorio, em que Jesus Christo ultrajado, escarnecido e martyrizado, foi, por cúmulo de irrisão, saúdado Rei de Israel, recebendo por corôa uma de grossos espinhos, por sceptro uma cana verde, e por manto uma tunica de purpura. A inscripção diz (22):

EXIVIT JESUS
PORTANS
CORONAM
SPINEAM.
JOAN. 19, 5.

O seguinte passeio (23) sóbe do patim d'esta capella para sueste, e tem ao cimo a sexta capella, e á direita de quem sóbe a fonte de *Saturno* alegorisada pela mão pegando da fouce. A capella representa a varanda de Pilatos, da qual Jesus Christo foi por este apresentado ao povo, e tem a inscripção (24):

EXIVIT... PILA-
TUS FORAS, ET
DICIT.....
ECCE HOMO
JOAN. 19, 4, 5.

(21) De comprimento 51m.
(22) « Sahiu Jesus, trazendo uma corôa d'espinhos.»
(23) De comprimento 46m.
(24) « Sahio Pilatos... fóra, e disse...: eis aqui o homem.»

O ultimo passeio (25) corre do patim d'esta capella para nordeste, e tem no patim superior, em frente, a septima capella, á direita da qual, ou á esquerda de quem sóbe, está a fonte de *Jupiter*, alegorisada pela mão empunhando o raio. A capella representa o Senhor com a cruz ao hombro, caminho do calvario, e o encontro da piedosa Veronica. Um dos judeos, pegando com a mão direita pela corda, que prende o Senhor, sustenta na esquerda um pergaminho desenrolado com o letreiro — *Justiça, que mandou fazer Poncio Pilatos a Jesus Nazareno por malfeitor e amotinador do povo.* A inscripção da capella diz (30):

BAJULANS
SIBI CRUCEM
EXIVIT IN...
CALVARIÆ
LOCUM
JOAN. 19, 17.

Discorriamos em formosa manhã de Agosto por esta parte do monte do Sanctuario, sentindo não encontrar alma viva, com quem repartir nossas impressões, e a quem podessemos communicar affectos, lembranças, e pensamentos, que tanto nos occupavam o espirito.

C'est peu des beaux lieux, des beaux jours, de l'etude;
je veux que l'amitié.....
me donne ses plaisirs, et partage les miens (27).

O assento commodo juncto da fonte antecedente, o murmurio da agua docemente susurrando, a serenidade

(25) De comprimento 59m.
(26) « Levando sua cruz ás costas, sahiu para o... logar do Calvario.»
(27) Delille.

do ar, tudo nos convidára a descançar; e extendendo a vista por esse longo passeio, que se abria em frente, a custo enxergámos um vulto, que lá ao cimo se amostrava immovel. Pouco adiantada ia a manhã; o sol, já um pouco tardio, ainda não havia subido para áquem do monte, nem o sombreado da mata permittia distinguir com clareza os objectos distantes. Sería alguma lage, que tivesse desabado do parapeito? seria estatua, que nos escapasse nas primeiras visitas?.... Aproximámo-nos com curiosidade, e ficámos commovidos, encontrando um homem, já entrado em dias, que de joelhos, ante a capella, cabisbaixo e immovel, lendo na sua via-sacra (28), orava ao Todo Poderoso. Suas cans, que a uma figura nobre junctavam o respeito da idade; seu pensamento tão enlevado, que nem sequer em nós reparou, como se o ruído de nossas passadas lhe não tocára nos ouvidos; esta doce confidencia d'uma alma piedosa na bondade de seu Deos; este suave repouzo, precursor do paraizo, penetraram-nos das mais profundas e religiosas commoções. Como eramos mais felizes, nós e esse nosso incognito companheiro, do que tantos outros, que envoltos no bolicio do mundo nunca provaram as doçuras da religião de Christo, nem foram ainda saboreal-as ao Bussaco ou ao Bom Jesus do Monte!....

Do patim da septima capella sóbe para nascente uma escada de trinta e quatro degraus em cinco lanços. A mata é aqui mais espessa; e acompanham os parapeitos alas de frondoso arvoredo, que, subindo a grande elevação, offerece agradavel vista, e esparze suavissima fresquidão. É de maravilhoso effeito ao cimo d'esta escada o panorama dos escadorios, que se lhe seguem, com suas tres ordens de grandiosas estatuas, suas paredes lateraes debruadas ou recamadas de buxo, as casas alvejando por

(28) « Via-sacra ou modo practico de visitar as capellas e igreja principal do Sanctuario do Bom Jesus do Monte. »

entre os cyprestes, e o magestoso Templo, que lá ao cimo avulta, coroando o monte (29).

Passa ao cimo d'esta escada a estrada do Sul, que vai entroncar na do Norte. Ahi do lado do Sul, á direita de quem sóbe pela nova estrada, está a oitava capella, em que se representa o acto da crucifixão de Jesus Christo, e que tem a inscripção (30):

ERAT
AUTEM HORA
TERTIA, ET
CRUCIFIXE-
RUNT EUM.
MARC. 15, 25.

Termina aqui a primeira parte do Sanctuario do Bom Jesus do Monte, bem differente das outras, com mais simplicidade e natureza, mas por certo mais rica de sentimento. E quando o visitante as houver percorrido todas, talvez com prazer volte a assentar-se juncto das fontes mythologicas, ou nos parapeitos dos passeios, respirando o ar puro ao limpido jorrar das frescas fontes. Talvez, cançado das grandezas, que pelo resto do monte foi admirar, volte aqui a recolher-se com seu espirito, ruminar as ideias, que lhe alvorotaram a imaginação, e gozar, a sós comsigo, dos encantos da solidão!!

(29) Estampa 3.ª
(30) «Era pois a hora da terça: tempo em que elles o crucificaram.»

SEGUNDA PARTE

OS DOUS ESCADORIOS

DOS CINCO SENTIDOS

E

DAS TRES VIRTUDES

Deixámos o visitante juncto da capella da crucifixão. Da estrada, que, segundo fica referido, atravessa do sul para o norte, sobem-se sete degraus para um patim (31), em frente do qual está construida a fonte das *cinco chagas,* assim chamada, porque lança sôbre uma bacia de meia concha cinco frouxas correntes por cinco aberturas, que semelham chagas (32). Tem por cima, em uma grande tarja ornada de lavores, os dados, o calice, a tunica e os instrumentos da paixão de Jesus Christo, tudo em alto relevo, rematando em grande elevação com uma cruz singela, entre cujo pedestal e a tarja se lê o seguinte letreiro (33):

PURPUREOS
FONTES ODIUM RESERAVIT
ADOXUM
NUNC IN CHRISTALLOS HIC TIBI
VERTIT AMOR.

Onde termina a parede, em que está construida a fonte, começam de subir-se os escadorios. Representam estes

(31) Comprimento $12^{m},32$, largura de N a S $18^{m},48$.
(32) É a fonte em frente da estampa 3.ª
(33) «Rubras fontes abriu o odio amargo
«Que ora aqui em crystaes amor converte.»

uma figura quadrilatera rectangula, dividida em corpos ou *lanços* eguaes (34); cada um dos quaes é formado d'uma escada composta, isto é, de quatro escadas de nove degraus (35), sendo duas de cada lado em direcção opposta, e terminando todas quatro em um patim (36). Tem cada um d'estes corpos uma fonte allegorica e tres estatuas. Duas d'estas em frente dos patins, que dividem a escada composta, pouzam sôbre as paredes, que sustentam os correspondentes patins do *lanço* immediato, e lhes fazem parapeito; a terceira eleva-se, como aquellas, em frente do patim superior do *lanço* sôbre a parede, que faz parapeito e sustenta o superior patim do *lanço*, que segue. Tão elevada ás duas primeiras, quanta é a differença da subida dos primeiros para o último patim de cada corpo do escadorio, representa esta terceira estatua o vertice d'um triangulo, as extremidades de cuja base são formadas por aquell'outras. Sotoposta á terceira estatua, rompe do centro da parede a fonte; e aos lados d'esta, a pouca distancia, começa a escada composta do *lanço* immediato.

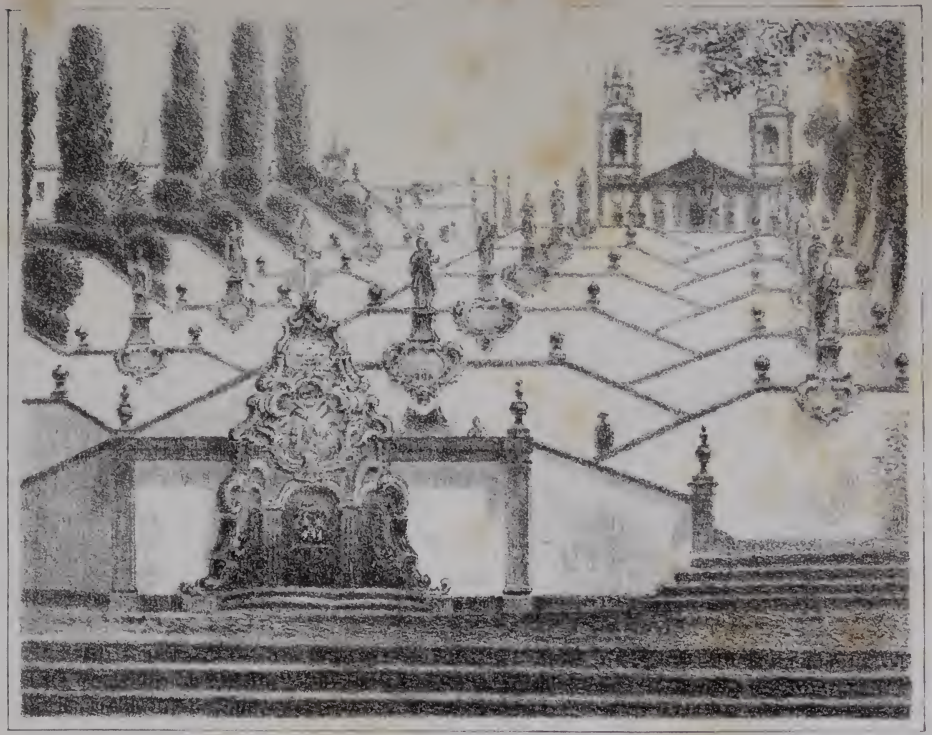
São porisso os escadorios de engenhosa architectura, e offerecem agradavel perspectiva. A estampa terceira suppre o que difficil é de descrever. Não sabemos o termo technico para designar com precisão construcções d'esta ordem; chamamos-lhe *escadorio*, como lhe alli chamam, sem que nos responsabilisemos pela genuidade e propriedade d'este termo.

São dois os escadorios, que separa apenas um plano quadrilongo em toda a largura d'elles; á vista figuram uma peça inteira.

(34) Largura 19^{m}.

(35) Largura 2^{m},75.

(36) O patim superior á escada composta tem 6^{m} em quadro; e cada um dos outros, que dividem os lanços oppostos, tem 6^{m} de comprimento e 2^{m},85 de largura.



Lith da Impr da Universidade.

PANORAMA DOS DOIS ESCADORIOS

I

Do escadorio dos cinco sentidos.

O primeiro ou o antigo escadorio, assim chamado, porque data dos primeiros tempos do Sanctuario (e bem o dão a ver o gôsto antiquado das fontes, e os degraus e pilastras, que o tempo tem carcomido), compõe-se de cinco *lanços,* e é especialmente conhecido pelo nome de —escadorio dos cinco sentidos, porque estes são allegorisados nas suas fontes, estatuas, e inscripções. Porisso a fonte figura em alto relêvo, trabalhado em larga tarja, um meio corpo humano, lançando agua pelos orgãos respectivos do sentido ahi representado; e cercam-no, tambem em alto relêvo, figuras de animaes, em que mais distincto é este sentido. Imitou o inventor o que dizia S. Isidoro:

Nos aper auditu praecellit, aranea tactu,
Vultur odoratu, linx visu, simia gustu.
«No ouvir o javalli excede o homem,
«Vê mais o lynce, a aranha tem mais tacto,
«É nos monos o gôsto mais subido,
«E o abutre voraz vence-o no olfacto.

Os castellos do brazão do Arcebispo D. Rodrigo estão gravados em todas estas fontes, com excepção da do sentido do olfacto, que tem, em vez d'elles, a esphera armilar em alto relêvo.

As estatuas são de granito; correspondem á figura humana de estatura agigantada; umas trajam as vestes dos antigos tempos de Israel, outras as de figuras mythologicas; e recordam em suas attitudes e inscripções passos da Sagrada Escriptura, ou preceitos evangelicos extrahidos dos livros sanctos, que têm relação com o sentido allegorisado na fonte.

Fecham de norte e sul este escadorio socalcos sustentados por fortes paredões, mais elevados uns que os ou-

tros na proporção da subida dos *lanços*. Orlados de buxo com fiorões do mesmo em cada extremidade e um cypreste no centro, semelham mirantes de verdura, que pelo monte acima acompanham os escadorios (37).

PRIMEIRO LANÇO

SENTIDO DA VISTA

A tarja da fonte contém em alto relèvo, como fica dicto, metade d'um corpo humano, que lança pelos olhos duas fortes correntes de purissima agua sôbre uma bacia suspensa, e tem na mão esquerda uns oculos, e aos lados e por cima tres aguias na acção de olharem para uma figura do sol, que está na parte superior da tarja.

Remata a fonte com a estatua d'um pastor, que tem a mão direita sôbre o peito, o rosto reclinado sôbre a esquerda, olhos fechados, e em elegante peanha entre a estatua e a tarja a inscripção (38):

VIR PRUDENS.

QUASI IN SOMNIS VIDE ET VIGILABIS.

ECCLES. C. 13, V. 71.

(37) Estampa 3.ª

(38) «Varão prudente. «Toma-as por um sonho, e vigiarás.»

Representava d'antes esta mesma estatua o pastor Argos, que, diz a fabula, tinha cem olhos, cincoenta dos quaes descançavam, em quanto os outros velavam; e significava o amor, com que Jesus Christo vela do alto da cruz sôbre o seu povo á similhança do pastor Argos vigiando seu rebanho do viso d'um oiteiro. A inscripção antiga dizia:

MONTIS IN HAC SPECULA VIGILANTIOR EMINET ARGOS;
FOELIX, SI PRAE OCULIS TE FERAT ILLE SUIS.

«Dos Argos o melhor, mais vigilante,
«Da serra sôbre o viso aqui se altêa;
«Ditoso tu, se o seu olhar bondoso
«Com teus passos na vida se recréa.

Corresponde-lhe do norte a estatua de Moysés, vestido de roupas talares; sobraçando a capa no braço esquerdo; na cabeça dois raios de luz; na mão direita uma vara com serpente enroscada; e na peanha a inscripção (39):

MOYSES.

QUEM CUM PERCUSSI ASPICERENT, SANABANTUR.
NUM. 21, 9.

A estatua do Sul é do propheta Jeremias, que tem na mão direita uma vara com olhos, e na peanha a inscripção (40):

JEREMIAS.

VIRGAM VIGILANTEM EGO VIDEO.
JER. 1.

Em todas as fontes e estatuas do escadorio dos sentidos estão escondidos ao visitante mysterios, que só a reflexão e a piedade podem descobrir-lhe, preceitos evangelicos, exemplos para imitar-se, espelho de virtudes, castigo de costumes.

Quem sóbe ao calvario, deve receiar-se das vans ostentações do mundo, como o *varão prudente* (41); e não desviar os olhos da cruz de Jesus Christo, bussola infallivel nas procellas da humanidade, cujo symbolo foi no deserto para o hebreu a milagrosa *serpente de Moysés.*

E suba destemido, que Deus prometteu ao propheta receber os que o buscassem, e mostrou-lhes por signal a *vara vigilante* (42).

(39) «Os que, estando feridos, olhavam para ella, saravam.»
(40) «Eu vejo uma vara vigilante (Jerem. 1, 11).»
(41) Nota de A. Pereira.
(42) S. Jeron., P.e Jac. Tir. e Duham. not. ao v. 11, S. Pedr. Ep. 1 c. 3, v. 12, e Psalm 33, vv. 16 e 17.

Mystica sublime! engenhoso invento do fundador do Sanctuario, que pela formosa encosta acima vai convidando o visitante a consagrar ao Deus do ceu, e da terra, que breve adorará crucificado no templo majestoso, toda sua alma e pensamento!

SEGUNDO LANÇO

SENTIDO DO OUVIR

É representada a fonte por outra similhante figura humana, lançando pelos ouvidos duas fortes correntes d'agua; e com tres cabeças de touro por debaixo.

A estatua superior é d'um mancebo na acção de tocar em uma cithara, e tem a inscripção (43):

IDITHUM.

QUI IN CITHARA PROFETABAT SUPER CONFITENTES ET LAUDANTES DOMINUM.

1 PARAL. 25, 3.

Do norte corresponde-lhe a estatua de David, com pur-

(43) «Que cantava ao som da cithara presidindo aos que cantavam e louvavam ao Senhor.»

Representava d'antes esta mesma estatua Orpheu, e tinha a inscripção:

ORPHEUS EN, NOSTRAS QUI DULCIUS ALLICIT AURES.
CRUX CITHARA EST, VOCES VULNERA, PENNA DOLOR.

«Este Orpheu, que os ouvidos nos enléva,
«Que meigo assim as dores nos serena,
«Tem por lyra uma cruz, tem fundas chagas
«Em vez de canto, e a dor em vez da penna.

pura real, diadema na cabeça, cabello solto em anneis, tomando no braço esquerdo parte da capa, e na acção de tocar em uma harpa. A inscripção diz (44):

DAVID.

AUDITUI MEO DABIS GAUDIUM ET LAETITIAM.

PALM. 50.

Do sul é a estatua d'uma mulher com semblante animado, plumas na cabeça, na acção de tocar em uma lyra; e com a inscripção (45):

ESPOSA DOS CANTARES

SONET VOX TUA IN AURIBUS MEIS

CANT. 2.

Os ouvidos do christão deverão sempre estar abertos para ouvir os louvores do Eterno; e de sua bôcca devem resoar canticos de gloria.

Que mais alto assumpto de musica e de poesia! Modelos do emprêgo d'uma e d'outra são na lei antiga o celebrado *cantor Iditho,* e o santo Rei David, e na Lei da Graça a *mystica esposa dos cantares,* a Igreja de Jesus Christo (46).

(44) «Ao meu ouvido darás goso e alegria.» (Palm. 50, 10.)

(45) «Sôe a tua voz dentro nos meus ouvidos.»

(46) O versiculo 14 diz assim: *Columba mea, in foraminibus petrae, in caverna maceriae, ostende mihi faciem tuam, sonet vox tua in auribus meis.*» Pomba minha, tu nas aberturas da parede, na caverna do muro ensôsso, mostra-me a tua face, sôe a tua voz dentro nos meus ouvidos.»

Os Padres da Egreja entendem no sentido mystico pela pedra as chagas das mãos e pés, e pela caverna do muro a chaga do lado; e assim como as pombas costumam de fazer seus ninhos nas aberturas das paredes e concavidades das penhas, assim Jesus Christo exhorta sua esposa a que venha crear seus filhos nas suas chagas, promettendo defendel-a das aves infernaes, que lh'os pretenderem rapinhar.

TERCEIRO LANÇO

SENTIDO DO OLFACTO

Outro meio corpo humano, como os antecedentes, lança pelo nariz uma corrente d'agua: tem nas mãos uma caixa aberta, e de cada lado um cão.

A estatua superior representa um homem sobraçando a capa com a mão direita, e pegando d'uma flor com a esquerda; na peanha tem a inscripção (47):

VIR SAPIENS.

FLORETE FLORES QUASI LILIUM ET DATE ODOREM.

ECCL. 39. 19.

Corresponde-lhe do norte a estatua de Noé, venerando ancião paramentado de vestes sacerdotaes, com trunfa na

(47) «Varão Sabio.« «Dai viçosas flores como lyrio, e recendei fragrante cheiro.»
Tinha d'antes a seguinte inscripção:

HYACINTHUS.

SANGUINE, QUEM FUDIT, RUBET HIC HYACINTHUS IN HORTO.
MARCUIT, AT FUSI SANGUINIS EXTAT AMOR.

»Rubicundo Jacintho ainda mostra
»O sangue seu, lá no horto derramado;
»Inda, pendendo e murcho, aqui se ostenta
»Das tão preciosas gôttas orvalhado.»

cabeça, altar juncto de si, sustentando nos braços um cordeiro; e com a inscripção (48):

NOÉ.

ODORATUS EST DOMINUS
ODOREM SUAVITATIS.

GENES. 8.

Do sul é a estatua de Sunamites, abraçando-se com uma palmeira; e na peanha a inscripção (49):

SUNNAMITES. (50)

STATURA TUA ASSIMILATA
EST PALMAE....
ET ODOR ORIS TUI
SICUT MALORUM.
Cant. Cantic.
Cap. 7, vv. 7 e 8.

Mesquinhas são as fôrças do homem! Que tem elle para offertar ao Rei dos Reis, á Majestade das Majestades?! Mas o sacrificio de Noé, apenas desembarcado da arca mystica, que o salvou do diluvio para continuar a série da humanidade, foi bem acceito do Omnipotente; e o arco d'alliança inda hoje nos revela por entre as nu-

(48) «E percebeu o olfacto do Senhor um suave cheiro.» (Genes. c. 8, v. 21).

(49) «A tua estatura se assemelha a uma palmeira... e o cheiro da tua bôcca é como o dos pomos.»

Inscripção evangelica; porque á similhança da palmeira, que vai crescendo e subindo, como em escada, de degrau em degrau pelo nascimento de cada palma, a Egreja eleva os fieis de virtude em virtude, insinuando-lhes pela pregação do Evangelho, pelo som suavissimo da palavra Divina, o amor da Religião.

(50) Abisag era seu nome. Chamou-se Sunamites, de sua patria Sunam, cidade da tribu de Issacar.

vens do ceu a ineffavel promessa de que não tornaremos a soffrer similhante castigo. Noé era justo, — e o suave cheiro das sanctas acções do justo, do verdadeiro sabio, sóbe até ao ceu: ser-lhe-hiam engeitadas as víctimas, se o não fôra; nem tivera occasião de offertal-as, sepultado nas aguas com seus irmãos. Filhos da casta esposa de Jesus Christo, mais pura que a virgem esposa do Psalmista (51), cuidemos de imital-a, servindo humildemente ao filho de David, e recenda em todas nossas obras e palavras a flagrancia da virtude.

QUARTO LANÇO

SENTIDO DO PALADAR

A figura da fonte lança pela bôcca uma corrente d'agua, tem um pomo na mão esquerda, e um macaco de cada lado.

A estatua superior é de José, o hebreu, na acção de conduzir a oblação em um prato na mão esquerda e um calice na direita, — insignias do seu ministerio na côrte de Pharaó; tem a inscripção (52):

JOSEPH.

DE BENEDICTIONE DOMINI IN TERRA EJUS, DE POMIS COELI, ET RORE.

Deuter. 33, 13.

Corresponde-lhe do norte a estatua d'um mancebo, que

(51) 3 Reg. 1. 4.

(52) «A tua terra seja cheia das bençãos do Senhor, dos fructos do céu, e do orvalho.»

Nos primeiros tempos do Sanctuario alludia esta estatua ao joven e

tem uma lança na mão direita, um cortiço ao lado esquerdo, e o braço esquerdo em acção de desculpar-se; na peanha lê-se a inscripção (53):

JONATHAS.

GUSTANS GUSTAVI IN SUMMITATE VIRGAE; ET ECCE MORIOR...

1 REG. C. 14.

A do sul representa um veneravel Sacerdote pegando com a mão esquerda d'um calice, sôbre o qual está uma caveira (54), e com a mão direita sôbre ella; na peanha a inscripção (55):

ESDRAS.

GUSTA PANEM, ET NON DERELINQUAS NOS SICUT PASTOR IN MEDIO LUPORUM.

ESDR. 4, C. 5.

É o virtuoso *José*—porque provou o duro pão da desgraça, sempre fiel, resignado e casto, sentado no carro de Pharaó, entregue das riquezas do Egypto, e mais adiante

formoso Ganimedes, que fôra, diz a fabula, arrebatado do monte Ida por Jupiter para servir nos céus á mesa dos deuses; e tinha a inscripção:

NECTAR ET AMBROSIAM GANIMEDES DULCIUS OFFERT:
SANGUINE SIBI PROPRIO POCULA, CARNE DAPES.

»Cuidoso Ganimedes nos derrama
»Nectar celestial, doce ambrosia:
»Em taças nos offerta o proprio sangue,
»Dá-nos a carne sua em iguaria.»

(53) «Tomei um pouco de mel na ponta d'uma vara, e por isso morro!...»

(54) Deve ser um pão.

(55) «Toma o pão, e não nos abandones, como o pastor, no meio dos lobos.»

asseguradas a seus irmãos pela prophecia de Moysés no monte Abarim as copiosas bençãos da terra promettida.

É o innocente *Jonathas*—porque gostou o manjar vedado, tremendo na flor dos annos entre os loiros da victoria á vista do cutello, mas resignado e submisso á barbara (56) sentença de seu pae.

É o santo Sacerdote *Esdras*, a quem Salathiel recommenda que se erga e côma, porque é chegado o tempo de marchar com o povo de Israel do distante captiveiro de Babylonia á reedificação do Templo de Jerusalem.

Em José, imagem perfeita da felicidade, que espera o justo; em Jonathas, vivo exemplo de profundo respeito e cega obediencia de filho e subdito; em Esdras, lição evangelica para os pastores do povo de Deus; eis aqui a moral, que ensina a S. Escriptura nestes tres varões da antiga lei.

QUINTO LANÇO

SENTIDO DO TACTO

A figura, que representa a fonte, lança agua d'uma bilha, que tem debaixo do braço esquerdo (57). Vêem-se na tarja imperfeitamente desenhadas algumas aranhas, e as armas do Arcebispo, a mitra, e o chapéo archiepiscopal.

A estatua superior é de Salomão, (58) com purpura real,

(56) Assim lhe chamam os Padres da Egreja.

(57) A ideia do inventor tinha sido representar a figura na acção de apalpar com as mãos um ouriço cacheiro, do qual saíssem pelas púas e espinhos gôttas d'agua; com tudo a obra não correspondeu á ideia.

(58) Esta estatua tem tido differentes significações. Chamou-se de prin-

diadema na cabeça, sceptro na mão direita; e na peanha a inscripção (59):

SALOMÃO.

VENTER MEUS INTREMUIT
AD TACTUM EJUS.
Cant. C. 5, v. 4.

Corresponde-lhe do norte a estatua do propheta Isaias, de roupas talares, sustentando na mão esquerda uma tenaz com uma brasa, pegando da capa com a direita, os olhos em elevação; e na peanha a inscripção (60):

ISAIAS.

TETIGIT OS MEUM.
ISAI. 6.

A estatua do sul é de Isaac, representado por um ve-

cipio Midas; e teve a seguinte inscripção, allusiva á qualidade fabulosa de converter em ouro todos os objectos, em que tocava:

DITIOR ECCE MIDAS; UTINAM CORDA OMNIA TANGAT!
AUREA, SINT QUAMVIS FERREA, REDDET AMOR.

»Dos Midas o mais rico, assim podesse
»Os nossos corações tocar piedoso!
»De ferreos, como são, eil-os dourados
»Do seu amor ao toque portentoso.

Teve depois o nome de Assuero com a inscripção:

SCEPTRUM AUREUM PROTENDIT MANU;
QUO SIGNUM CLEMENTIAE MONSTRA-
BATUR. ESTH. 8, 4.

«Estendeu com a mão o sceptro d'ouro para lhe dar mostras de clemencia.»

A primeira d'estas inscripções significava a abundancia das graças espirituaes, com que Jesus Christo fertilisa nossos corações; e a segunda, referindo-se á benevolencia, com que Assuero ouviu as queixas de sua esposa Esther, mostrava quanto póde a verdade perante o throno, quando é exprimida com pureza e virtude, e dava um exemplo raro, mas sublime, d'um rei, que fechou os ouvidos ás suggestões e lisonjas de cortesãos para abril-os aos queixumes d'um povo atormentado.

(59) «As minhas entranhas estremecêram ao estrondo, que elle fez.»
(60) «Tocou a minha bôcca.»

neravel ancião cego, com a cabeça descoberta, mãos extendidas na acção de apalpar; e com a inscripção (61):

ISAAC CEGO.

ACCEDE HUC, UT TANGAM
TE, FILI MI.
Genes. 27.

Como é cego e mal avisado o hõmem! Jesus Christo chama-o para si, busca entrada em seu coração pelos toques da graça (62); manda-lhe os prophetas prometter-lhe o perdão de suas culpas, se fizer penitencia (63); dirige-o pelo caminho da verdade através de seus erros e paixões (64); e ainda assim o homem, desvariado, desconhece os beneficios do Todo-poderoso!

Termina aqui o primeiro escadorio, ou dos cinco sentidos, que em si contém quanto póde interessar o espirito do homem, vário em seus gostos e propensões.

O homem, cujo espirito se entregar exclusivamente ao sentimento religioso, irá encontrar alli principios de religião, lições de moral; e nestas fontes e estatuas allego-

(61) «Chega cá, meu filho, para que eu te apalpe.» C. 27, v. 21.
Por baixo d'esta estatua nasce d'uma rocha viva a agua das fontes dos quatro primeiros sentidos, e das divindades mythologicas da primeira parte do monte.

(62) Sentido mystico do v. 4, C. 5, do Cant. dos Cantic. de Salomão, em que se figura Jesus Christo batendo á porta da esposa, e introduzindo a mão pela fresta para levantar o ferrolho.

(63) *Tetigit os meum* «tocou a minha bôcca;» — allusão aos prégadores da Fé, inspirados por Deus. O altar significa o Salvador, o propheta os ministros do Altissimo, a brasa a palavra Divina; e o toque nos labios de Isaias a inspiração, e o dom da persuasão.

(64) Assim fez a Isaac: e dirigindo-o pelo caminho da verdade, premiou tambem as virtudes de Jacob.

ricas pretenderá descobrir sempre um mysterio occulto, sobrenatural, que o possa guiar pelo caminho da bemaventurança.

O mancebo de animo ardente admirará por ventura o bom desempenho da arte na construcção das estatuas, e das fontes, e o grandioso mesmo de cada um dos *lanços* do escadorio, porque são obra do homem; e a alma do mancebo é embebida nos enganos e vaidades do mundo, e mede a grandeza dos objectos pelo fogo de seu coração. Estas mesmas fontes, que ao primeiro revelarão mysterios da Igreja e lições evangelicas, despertarão doces sentimentos no coração do segundo; e ao cadencioso e melancholico susurrar da agua entoará, juncto d'ellas, canticos de ternura.

Mas o homem, cujo espirito está superior ás paixões, — porque uma longa série de annos de meditação o têm afeito a medir pela realidade a grandeza das obras do homem, nem despreza, como o primeiro, as bellezas da natureza, nem se entrega cegamente, como o segundo, ás doces sensações da alma, e ás apaixonadas vozes do amor. Admirando o brincado das fontes, e suas engenhosas allegorias, — porque dá ao mundo o louvor, que merece o mundo, contempla tambem na relação das fontes com as sentenças da Sagrada Escriptura a providencia de Deos, que nos revela em cada objecto uma regra de nossas acções.

II

Do escadorio das virtudes

O escadorio moderno ou das tres virtudes,—assim chamado, porque a Fé, a Esperança e a Caridade são ahi representadas nas estatuas, fontes allegoricas e inscripções, é continuação do antigo escadorio. Regular, como este, e com egual número de estatuas e sua fonte em cada um dos *lanços*, formam os dois escadorios uma só peça.

Do ultimo patim do escadorio antigo entra-se para um plano quadrangular (64), fechado de norte e sul por paredes altas, que têm vazos com piteiras, e do poente por parapeitos com assentos. Dão entrada a este plano duas elegantes columnas, collocadas sôbre os parapeitos.

As fontes, estatuas, todas as obras do escadorio moderno são de trabalho mais perfeito, e ostentam maior grandeza do que as do primeiro escadorio; as fontes são construidas em grandes aberturas ovaes (65). Abaixo das peanhas das estatuas lêem-se em lapidas embutidas letreiros e inscripções, referindo preceitos, conselhos e sentenças da Sagrada Escriptura.

(64) Comprimento 14^{m}; largura toda a do escadorio.
(65) Altura 3^{m}; largura 1^{m},65.

PRIMEIRO LANÇO

A FÉ

Em frente do plano, que separa os dois escadorios, elevam-se em semi-circulo oito degraus. No tôpo do patim (66), superior a estes, uma cruz simples arvorada sôbre calvario, lançando tres frouxas bicas pelos sitios das aberturas das mãos e pés, representa a fonte da Fé.

Por cima da fonte, ainda dentro do nicho, em que esta é construida, lê-se a inscripção (67):

EJUS FLUENT
AQUAE VIVAE.
JOAN. 7, 38.

Superior á fonte, sôbre grossa e bem trabalhada peanha, eleva-se a estatua da Fé, figura d'uma mulher, com véu rendado, que lhe cobre os olhos e cae pelos hombros e costas, sobraçando a capa no braço esquerdo, pegando com a mão esquerda d'um calice, que tem uma hostia em cima, e apontando para o ouvido com o indice da mão direita. A inscripção diz (68):

FÉ
FIDES.... ARGUMENTUM NON APPARENTIUM...EX AUDITU; AUDITUS AUTEM PER VERBUM CHRISTI. AD HEBR. 11, 1. ROM. 10, 17.

(66) Comprimento $4^{m},62$; largura 7^{m}.
(67) «Qui credit in me... flumina de ventre ejus fluent aquae vivae.»
«O que crê em mim... do seu ventre correrão rios d'agua viva.»
(68) «Fé.... um argumento das cousas, que não apparecem.... a fé é pelo ouvido; e o ouvido pela palavra de Christo.»

Corresponde-lhe do norte a estatua da Docilidade, representada pela figura d'uma mulher, que tem o cabello atado, o braço esquerdo levantado, apertando com a mão uma serpente, e na atitude de mostral-a, braço direito estendido a pegar d'um escudo, em que se vêem desenhadas a cabeça d'um elephante, e superior a esta um relogio de areia coberto com uma serpente, que tem aos lados dois espelhos, voltados um para o outro. Na inscripção lê-se (69):

DOCILIDADE
CORDE ENIM CREDI-
TUR AD JUSTITIAM.
AD ROM. 10, 10.

Do sul está a figura da Confissão, representada como a antecedente, pela estatua d'uma mulher, que tem o cabello atado, sobraça a capa no braço esquerdo, e sustenta na palma da mão direita as táboas da lei de Deus, que amostra com o indice da direita. Lê-se na inscripção (70):

CONFISSÃO...
ORE AUTEM CONFES-
SIO FIT AD SALUUEM.
AD ROM. 10, 10.

Fecham este primeiro *lanço* dois formosos jardins (71), um pelo norte, outro pelo sul, communicando com elle por portaes com portas de ferro sôbre os primeiros patins da escada composta, e extendendo-se ao longo do plano, que dá entrada ao escadorio. As paredes, que, segundo fica dicto, defendem e formam os lados, norte e sul, d'este plano, servem de parapeitos aos jardins. Alegretes de flores em volta, alguns arbustos e arvores de

(69) «Porque com o coração se crê para alcançar a justiça.
(70) «Mas com a bocca se faz a confissão para conseguir a salvação.»
(71) De comprimento 20^{m}; de largura 15^{m}.

Lith. da Impr. da Universidade.

PANORAMA DOS ESCADORIOS, TIRADO DO SUL

estimação, repartimentos com buxo, no centro dos jardins um tanque redondo com repucho, e a vista ao longe e sôbre os escadorios tornam alegre e agradavel este retiro.

O jardim do sul confina por este lado com um socalco sotoposto a outro. Aquelle tem uma horta, restos das que havia por alli, e que as obras têm destruido; e no muro, que a separa do jardim, conserva, em recordação dos tempos que passaram, as toscas e quasi desfeitas estatuas do frontespicio do antigo templo (72). O outro socalco, que lhe fica superior, tem apenas uma meza de cantaria com assentos de madeira debaixo d'um frondoso teixo, e communica sem caminho regular para o terreiro do templo e para a mata. Este sitio é um dos mais agradaveis do monte, porque se disfructam d'ahi extensas vistas de longe, os escadorios, a capella de S. Pedro no escadorio das tres virtudes, uma parte da cascata, o terreiro de Longuinhos, e a avenida com o seu frondoso arvoredo (73).

SEGUNDO LANÇO

ESPERANÇA

No sitio correspondente está construida em uma abertura oval, similhante á anterior, outra fonte, representada pela arca de Noé pousada sôbre a montanha; por debaixo d'ella discorrem veios de crystallina agua para a base, sôbre que a montanha se figura assentada, e d'ahi para uma mesa.

(72) Vej. a descripção das obras anteriores ao novo escadorio.
(73) A est. 4.ª representa uma parte dos objectos, a que se refere o texto.

A construcção d'esta fonte é engenhosa; e a abertura oval, a arca, a mesa, tudo é rico de graças, e adornado de delicados lavores.

Por cima da fonte lê-se o seguinte letreiro (74):

ARCA IN
QUA ANIMAE
SALVAE FA-
CTAE SUNT . . .
I PETR. 3, V. 20.

A estatua superior representa uma mulher com o cabello atado, mão esquerda estendida sôbre uma ancora, o braço direito alevantado na acção de pegar d'uma ave, e na base a inscripção (75):

ESPERANÇA
EXPECTANTES BEATAM SPEM
ET ADVENTUM GLORIAE.
AD TIT. 2, 13.

Corresponde-lhe do norte a estatua do Confiança, com os cabellos soltos pelos hombros e costas, sustentando nas mãos um navio a todo o pano; a inscripção diz (76):

CONFIDENTIA
IN SPE ERIT FOR-
TITUDO VESTRA.
ISAI. 30, 15.

Do sul está a estatua da Gloria, representada pela figura d'uma mulher ricamente vestida com roupão e manto lavrado d'estrellas, cabellos soltos pelas costas, cabeça cin-

(74) «Arca, na qual... pessoas... se salvaram...»
(75) «Aguardando a esperança bemaventurada, e a vinda gloriosa.»
(76) «A vossa fortaleza estará na esperança.»

gida d'uma faxa cravejada de perolas, braço direito alevantado a segurar uma figura do sol, e a mão esquerda traçando a capa, e pegando d'uma palma. Ao lado esquerdo tem sôbre a base um globo, e no sítio proprio a inscripção (77):

GLORIA.
. . . OCULUS NON VIDIT
NEC AURIS AUDIVIT.
I AD CORINT. 2, 9.

Fecham este segundo *lanço* pelo norte e sul dois terrados, ainda em construcção, sobranceiros aos jardins do *lanço* anterior. O do norte confina por este lado com uma casa chamada — *da torre* (78), que é actualmente uma das residencias dos capellães, e da qual descem para elle alguns degraus. Esta casa, construida em grande elevação sôbre penedias, tem para o poente varandas, d'onde se gosa extensa vista, e realça pela sua posição o panorama dos escadorios, alvejando por entre os altos cyprestes, e mirantes de verdura do escadorio antigo (79).

TERCEIRO LANÇO

CARIDADE

A fonte da caridade, construida pelo gôsto das antece-

(77) W. 9... *oculus non vidit, nec auris audivit...*
Quae praeparavit Deus iis, qui diligunt illum:
W. 10. *Vobis autem revelabit Deus per Spiritum suum...*

«O olho não viu, nem o ouvido ouviu... o que Deus tem preparado para aquelles, que o amam; porém Deus nol-o revelou a nós pelo seu espirito.»

(78) Vej. a descripção das obras anteriores ás actuaes.

(79) Estampa 3.ª

dentes, é representada por dois meninos em pé, sustentando nas mãos um coração, donde sáe uma corrente d'agua.

A estatua superior representa uma mulher vestida, como as anteriores estatuas, de roupão simples, cabeça coberta com uma especie de capuz, que lhe cáe pelas costas, e tendo nos braços duas creanças. Na inscripção lê-se (80):

CARIDADE.
TRIA HAEC... MAJOR AUTEM HORUM EST CHARITAS.
AD CORINT. I, c. 13, 13.

Corresponde-lhe do sul a estatua da Paz, representada pela figura d'uma mulher com a cabeça descoberta, cabello atado, capa sobraçada no braço esquerdo, o braço direito levantado com um ramo de oliveira na mão (symbolo de paz), o esquerdo estendido, olhos em elevação; e a inscripção (81):

PAZ.
PAX FRATRIBUS, ET CHARITAS CUM FIDE.
EPH. 6, 23.

A estatua do lado do norte representa uma mulher vestida de roupão com franja, cabello solto sôbre os hombros, manto, diadema, e sôbre este a figura do sol, braços abertos, pegando com a mão direita d'um ramo de pinheiro. A inscripção diz (82):

BENIGNIDADE.
CHARITAS... BENIGNA EST.
I COR. 13, 4.

(80) «Estas tres virtudes... porém a maior d'ellas é a Caridade.
(81) «Paz seja aos irmãos e caridade com fé.»
(82) «A caridade .. é benigna.»

Completam os escadorios, fechando este terceiro *lanço*, as capellas de S. Pedro e de S. Maria Magdalena. Aquella ao norte, ou esquerda de quem sóbe, esta ao sul, ambas espaçosas, semelham grutas em montanha de grosseiras pedras, por entre as quaes discorrem veios de pura agua, de que se alimentam alguns fetãos, e outras plantas aquaticas. O exterior d'estas capellas não é elegante, com quanto bem trabalhado. Os portaes, de boa cantaria, têm altura e largura eguaes; as portas muito largas correspondem nas dimensões aos portaes, e têm vidraça e bandeira (83).

A imagem de S. Pedro, de estatura regular, joelho em terra, mãos apertadas sôbre o peito, olhos em elevação, lagrimas poucas, mas vivas, expressão de profundo sentimento, representa o sancto no momento, em que o terceiro canto do gallo veio recordar-lhe a prophecia, que pouco antes lhe fizera o Divino Mestre. Sôbre o arco do portal lê-se a inscripção (84):

ET EGRESSUS FORAS PETRUS FLEVIT AMARE.
Luc. 22, 62.

A capella fronteira recorda a gruta, que Sancta Maria Magdalena habitára em Marselha durante trinta annos, entregue á uma dura provação, e á mais rigorosa penitencia. A imagem, tambem de estatura ordinaria, em pé sôbre a montanha, olhos em elevação, representa a sancta embevecida na contemplação de córos de anjos, que

(83) 3ª em quadro. Na estampa 4.ª vê-se a fachada da capella de S. Pedro.

(84) «E tendo sahido para fóra, chorou Pedro amargamente.»

de todos os lados a saúdam. No arco do portal tem a inscripção (85):

MARIA OPTIMÃ
PARTEM ELEGIT, QUAE NON
AUFERETUR AB EA.
Luc. 10, 42.

Algumas lapidas, embutidas nas paredes fronteiras dos primeiros patins d'este terceiro *lanço,* recordam ao visitante os nomes de tres homens, que lançaram os alicerces do monumento religioso do Bom Jesus do Monte. São os nomes dos Arcebispos D. Jorge da Costa e D. Rodrigo de Moura Telles, e do Deão D. João da Guarda. Em uma d'aquellas lapidas está desenhado em relêvo o brazão do primeiro d'aquelles Arcebispos, que tem por timbre uma roda de navalhas. Por baixo d'elle uma outra tem o letreiro seguinte:

ARMAS DA 1.ª CAPELLA
QUE MANDOU EDIFICAR O
SENHOR D. JORGE DA COSTA, AR-
CEBISPO DE BRAGA EM 1474; FORAM
ENCONTRADAS NAS ESCAVAÇÕES
DOS ALICERCES D'ESTA OBRA EM
1839: SENDO PRESIDENTE O ILL.mo
JOAQUIM DA MOTTA CAR-
DOSO, ABBADE DE MAXEMINOS.

No sítio, que lhe corresponde do outro lado do *lan-*

(85) «Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada.»

ço, outra lapida contém a seguinte antiquissima inscripção:

ESTĀ : EGREJĀ : E CĀPELA MĀ-
DOU FĀZER : O PRETO NOTAIRO
DŌ : JOĀ : DĀ GUĀRDĀ : DĀ¥Ā
DE : BRĀGĀ : E LĀMEGUO
DO : CŌSELHO : DE : EL REI :
CONDE PĀLĀTINO POR SUĀ Ɛ-
EVĀCĀ : A X6 D. DO MEZ : DE :
SETENBRO DO ĀNO : Ð 1522. ℔.

Por debaixo d'esta lê-se 'noutra lapida:

INDICA A REEDIFICA-
ÇÃO DA 2.ª CAPELLA EM
1522, QUE FOI ABOLIDA NO
TEMPO DE D. RODRIGO DE
MOURA E TELLES EM 1725.
ANNO DE 1839.

Sôbre a capella de S. Pedro ha um formoso terrado, cercado de parapeitos, que tem em volta algumas arvores já copadas, e no centro a estatua equestre de Longuinhos sôbre grosso e alto pedestal, assente no pinaculo d'um penedo, quasi soterrado. Este terrado, lançando d'um lado sôbre o terceiro *lanço* do escadorio; sobranceiro por outro ao terrado e jardim dos *lanços* anteriores; confinando pelo nascente com a elegante escada, que do terreiro da cascata sóbe para a capella do descendimento da cruz, e que d'elle é separado apenas pelos parapeitos, que a acompanham; ligado com a avenida, com a casa da torre, com outros aposentos de capellães, e com as hospedarias, que lhe ficam proximas, é um dos sitios da

montanha mais frequentado pelos visitantes (86). Gozar ahi as doces impressões das curtas e melancholicas horas de noite de luar de agosto, recostado nos largos parapeitos do terrado, ou sentado nos degraus da escada da capella do descendimento, apenas ouvindo de espaço a espaço o cadencioso e sonoro vibrar das horas nas torres do templo... sente-se... diz-se... mas não póde descrever-se! (87)

A estatua de Longuinhos representa um soldado de estatura agigantada, com morrião na cabeça, escudo embraçado, e lança em punho, montado em um suberbo e bem ajaezado cavallo. Formados d'uma só pedra, cavalleiro e cavallo, são tambem notaveis pela sua elegancia, posição natural, e em tudo bom desempenho de obra d'arte. Foi presente do Bacharel Luiz José de Castro Gomes do Couto, natural do Pico de Regalados, em 1819, em cumprimento de voto, que fizéra ao Sanctuario, por ter escapado da morte um filho seu, que tinha dado uma perigosa quéda.

Com o terceiro *lanço* do escadorio das virtudes, termina a grande obra dos dois escadorios, tão brilhante pela variedade, bom gôsto e engenhosa construcção de suas fontes e estatuas, como rica de pensamentos religiosos.

«Medita nos mysterios da paixão de Jesu Christo; observa a moral do Evangelho; segue o exemplo dos santos varões, a quem Deus concedeu a sua graça» — eis aqui as primeiras lições, que ensina o christianismo. Doutrinado com ellas, resta ao homem um só degrau para chegar ao templo da Gloria:—ter *Fé*, porque Jesu Christo prometteu o paraiso aos que de coração e com os labios

(86) Estampa 5.ª

(87) O A. recordava 'nesta occasião os saudosos dias 25, 26, 27 de agosto de 1860, ahi passados na companhia de sua Esposa, seu filho mais velho, e suas Primas e Cunhadas, M. B. de S. e A. E. de S.

Lith. da Impr. da Universidade

O TERREIRO, E ESTATUA EQUESTRE DE LONGUINHOS

crêssem e confessassem, que elle é o filho de Deus resuscitado d'entre os mortos (88):—ter *Esperança*, porque a palavra de Christo, e a promessa d'uma vida futura é a ancora, que nos sustenta contra os perigos do mundo (89):—ter *Caridade*, porque esta torna o homem perfeito: «ama teu proximo por amor de Deus» eis a maior perfeição: com a fé póde o homem esperar e ser justo; mas a perfeição... tel-a-ha, se tiver caridade (90), porque a caridade é a columna mystica da Egreja, firmada sôbre dois pés, o amor de Deus e do proximo, tendo por base d'ouro a Fé e a Esperança (91).

Esta é a estrada, que Deus traçou ao homem para o templo da sua Gloria; e o que a percorrer, ha de encontrar patentes as portas do templo. E esta estrada é ensinada ao visitante no monte do Sanctuario: porque as capellas da vida e paixão de Jesus Christo; a fonte das cinco chagas, emblema dos tormentos do Salvador (92); as estatuas e fontes dos sentidos, apontando ao homem a Lei do Evangelho, e amostrando-lhe as duas páginas do livro da vida; e as tres virtudes, abrindo-lhe o último caminho da salvação, vão-no guiando pouco e pouco por todas as veredas da vida a lavar-se nas aguas da purificação, representadas mais acima pela majestosa cascata, para entrar puro no templo da Gloria, que lá no alto se eleva, como o termo de todos os trabalhos, o premio de todas as virtudes.

Singular grandeza! Digno objecto de profundas reflexões! Fertil e rara imaginação de quem na encosta de elevado monte soube pintar com as côres do mundo os mysterios da religião, o mundo e a eternidade, e guiar

(88) }
(89) } Inscripções das estatuas do escadorio das virtudes.
(90) }

(91) Assim se exprimem os PP. da Egreja.

(92) Os PP. da Egreja entendem no sentido mystico por Jesus Christo a pedra, e pelas chagas as aberturas d'esta.

d'um modo insinuante o homem por todos os degraus da vida ao templo da Gloria!

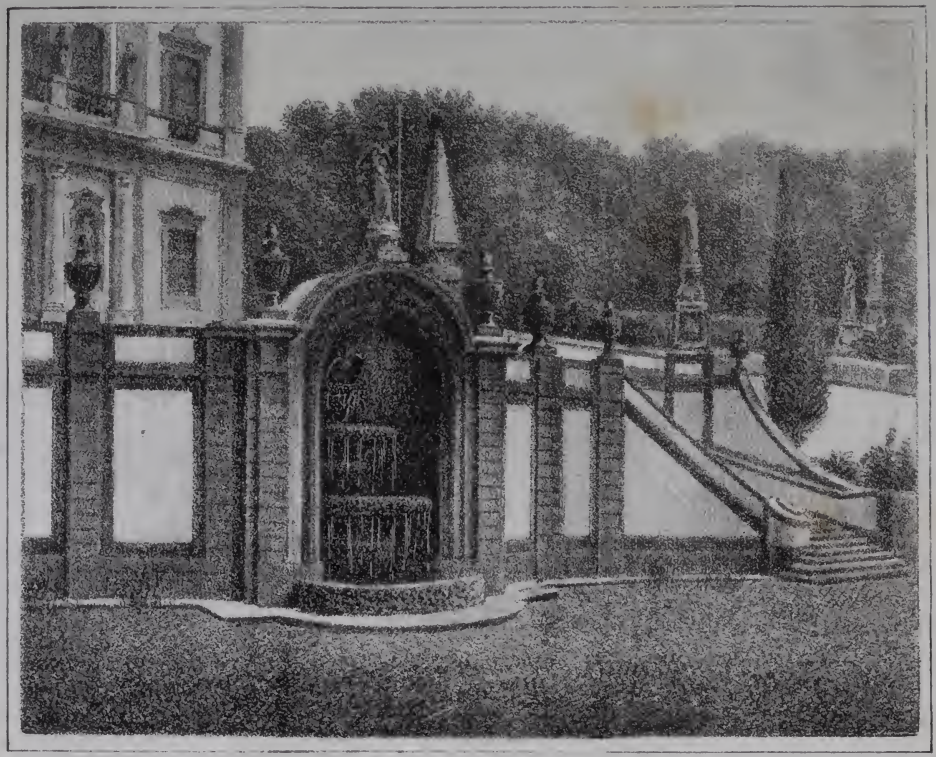
Temos conduzido o visitante até ao cimo dos escadorios ao terreiro da cascata. Que terá pensado de tudo o que tem visto?... Ideias religiosas tiveram em toda esta grande obra os fundadores do Sanctuario; e não ousâmos julgar, qual das duas primeiras partes do monte seja mais abundante d'ellas. Mas quanto a graças da natureza, poesia e sentimento não hesitâmos em dar a palma á primeira.

O portico é um primor d'arte; e os passeios, que d'umas para outras capellas conduzem, encosta acima d'uma montanha escabrosa e semeada de duras e alcantiladas penedias, que foi necessario romper, são productos de imaginação fertil, e obra de forçoso trabalho. Mas a estas maravilhas da arte reunem-se todos os encantos da natureza; e o melancholico sombreado da mata, convidando ao recolhimento e á meditação por debaixo de copada verde-escura ramada, produz n'alma fortes e profundas impressões, e inspira ao mesmo tempo sentimentos de religião, de virtude, de amor. Por todo o escadorio até o templo o ar é limpo e desafrontado; corpulentas estatuas, fontes vistosas e admiraveis por suas allogorias, bem lançadas escadarias, e em alguns pontos suberbas perspectivas, — eis toda a belleza d'esta parte do Sanctuario.

Qual deva preferir-se, ninguem por certo hesitará. As grandezas dos escadorios não tocam o coração; o mais que produzem é sentimento de admiração pelo genio de seus auctores, e de respeito pelas verdades, que se ahi acham representadas.

TERCEIRA PARTE

Da cascata; capellas da elevação da cruz, e do descendimento; templo e terreiro em frente d'este; notas biographicas do architecto do templo; avenida e grande alameda; terreiro dos Evangelistas; passeio da mãe-d'agua; e resto do monte.



Lith. da Impr. da Universid.ª

A CASCATA

I

Da cascata, e capellas da elevação da cruz, e do descendimento.

Rematam os escadorios com a cascata, tambem chamada fonte de Moysés (93).

Do último patim do escadorio das virtudes sobem tres degraus para um espaçoso terreiro (94), que sôbre o poente faz meia laranja com assentos e parapeitos, e a que dão entrada dois elegantes obeliscos.

Duas escadas direitas, espaçosas, e suavemente lançadas (95), sobem em quatro lanços uma para norte, outra para sul do terreiro.

Em frente d'este, no meio de grossa parede, cujo centro se destaca das extremidades, ha uma grande abertura de fórma oval (96). Dentro d'esta é representada a cascata pelo corpo inteiro d'um pelicano na acção de rasgar-se para alimentar os filhos, que em pé, azas semi-abertas e pescoço estendido, lhe pendem do seio. Fios de crystalina agua brotam d'este, e esparzindo-se por sôbre tres bacias semi-circulares, e proporcionalmente maiores umas que as outras, vem cahir em abundante chuveiro sôbre uma quarta bacia, maior que as tres primeiras,

(93) Estampa 6.ª
(94) Comprimento 21^{m}; largura de N. a S. 33^{m}.
(95) De largura 9^{m}.
(96) Altura 6^{m}, largura 2^{m}, 75.

pousada sôbre um degrau. Construidas de granito, cuja natural côr, claro-escuro, a humidade e os limos têm 'numas partes escurecido quasi inteiramente, e 'noutras tornado em verde bronzeado, os bordos d'aquellas quatro bacias representam um grosseiro embutido de pequenas e rusticas pedras aguçadas. A abertura oval, em que está construida a fonte, é formada de largas pedras lavradas com fortes cunhaes. Sôbre o arco, em que remata, vê-se em cima de alta peanha uma estatua, que representa Moysés no acto de ferir o penedo para saciar a sêde do povo de Israel no acampamento de Raphidim. Esta estatua imita as do escadorio antigo. Em cada uma das extremidades da parede da cascata, a 7^{m} d'esta, sobem 27 degraus (97) em meia volta de espira; acompanham-nos parapeitos, e entre estes e o adro do templo e aquell'outras escadas lateraes do terreiro pequenos jardins em fórma triangular com alguns repartimentos de bucho, cyprestes nas extremidades e poucos arbustos. D'aquelles degraus só os primeiros podem ver-se do terreiro, porque os outros subindo em meia volta ficam encubertos pelos parapeitos (98). As duas escadas terminam em um patim (99) por detraz da estatua de Moysés.

Este é um dos mais risonhos sitios do monte do Sanctuario, porque d'elle se disfructa a perspectiva d'ambos os escadorios; vê-se por cima da ramada, como um mar de verdura, quasi toda a mata desde o portico; e goza-se ao longe da mais arrebatadora vista de terra e mar.

Momentos de consoladora suavidade, deliciosos instantes de doce embriaguez ali devem de deslizar-se ao visitante, quando em fresca madrugada d'Agosto ao levantar-se a aurora, ou em fins de tarde calmosa ao pôr do sol tão majestoso por entre açafroada aureola de matizadas nuvens, deixar d'ahi pascer seus olhos por essa perspecti-

(97) De largura 5^{m}.
(98) Estampas 4.ª, 6.ª, 7.ª
(99) De comprimento 3^{m},85; de largura de N. a S. 17^{m}.

va, que em frente se abre, verdejante, alegre, e variada. Formoso sitio!

« Quem .....
.....
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céus, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto ha hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sôbre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, lavor da vida? !

.....
.....
.....

Amena estancia!
Throno da vecejante primavera!
Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
Uma hora de vida lhe ha corrido,
Essa hora esquecerá? ! » (100)

A escada lateral, que do terreiro sobe para o norte conduz a uma capella grande, oitavada (101), com sua cupula alta tambem oitavada, que termina em pont'aguda e pyramide, porta almofadada com largas gelosias de ferro. Medeiam entre elle e os parapeitos 2^{m}.

Representa esta capella o acto do descendimento da cruz: a sua elegante architectura, as attitudes tão vivas como naturaes das figuras, a propriedade, com que é representado aquelle acto, devem merecer a attenção do visitante.

(100) Sr. Garrett.

(101) $6^{m},82$ até a cimalha, e 3^{m} de largura em cada lado com excepção dos cunhaes de cada panno.

Sôbre o portal em uma pedra quadrada, e em characteres muito meudos lê-se a seguinte inscripção (102):

... DEPONENTES EUM DE LIGNO
ACT. APOST. C. 13, V. 29.

Communica esta capella com o terrado de Longuinhos uma escada aberta á sua direita nos parapeitos; e com o templo um curto passeio (103), que em frente d'ella se abre. Fica-lhe á esquerda a avenida (104).

Deve corresponder do sul, ao cimo da escadaria fronteira, outra capella e outro passeio para o templo, eguaes em architectura, em gôsto, e em dimensões ao passeio e capella do descendimento da cruz. Por emquanto estão apenas em meia altura as paredes da capella, e riscado o passeio para o templo.

Esta capella, a nona do Sanctuario pelo fim, a que se destina, ha de representar o acto, em que foi arvorada a cruz no calvario depois de crucificado 'nella Jesus Christo.

II

Do terreiro em frente e aos lados do templo.

Do patim superior da cascata sobem seis degraus (105) para um terreiro espaçoso, que circunda o templo: dão-lhe entrada dois elegantes obeliscos sôbre os parapeitos.

Comprehende o adro do templo uma grande meia la-

(102) «Descendo-o da cruz.»
(103) Comprimento 20^{m}; largura 7^{m}.
(104) Estampa 9.ª
(105) Largura 15^{m}.

ranja (106), cujos parapeitos são divididos por oito grossos pedestaes de cantaria. Sôbre estes em peanhas bem trabalhadas adornam-no oito estatuas, quatro de cada lado da entrada, em distancia de 8^{m} umas das outras e das columnas. Assentos de cantaria medeiam entre os pedestaes ao longo dos parapeitos, formando com estes um só corpo. Apesar da altura, em que se acham collocadas, as estatuas figuram-se á vista de estatura ordinaria. Lê-se na peanha o nome de cada uma, e no pedestal o verso da Sagrada Escriptura allusivo ao passo, a que se refere, da vida, paixão ou morte de Jesus Christo (107).

As quatro estatuas, que ficam na metade do terreiro ao sul, ou á direita de quem entra, estão colocadas pela seguinte ordem:

I

O pontifice Annaz, na acção de enviar Jesus Christo para o pontifice Caiphaz, que lhe fica á direita no extremo opposto do semicirculo; tem o nome e a inscripção seguinte (108):

ANNAZ
ET MISIT EUM ANNAS
LIGATUM AD CAIPHAM
PONTIFICEM
Joan. C. 18, V. 24.

II

Pilatos na acção de entregar o titulo em hebraico,

(106) 54^{m} de comprimento desde a entrada até os degraus, que sobem para a entrada do templo; e 66^{m} de largura.

(107) Estampas 6.ª e 8.ª

(108) «E Annás o enviou maniatado ao pontifice Caiphaz.»

grego e latim para ser collocado sôbre a cruz; e tem a inscripção (109):

PILATOS
GOVERNADOR
DE JUDEA.
TRADIDIT EIS ILLUM, UT
CRUCIFIGERETUR...
SCRIPSIT AUTEM ET TITULUM...
HEBRAICE, GRAECE, ET LATINE.
Joan. Cap. 19, vv. 16, 19, 20.

III

Herodes com os braços estendidos á esquerda em acção de enviar Jesus Christo para Pilatos, que lhe fica a esse lado; lê-se na inscripção (110):

HERODES.
ET ILLUSIT INDUTUM
VESTE ALBA, ET REMI-
SIT AD PILATUM.
Luc. Cap. 23, v. 11.

IV

O pontifice Caiphaz na attitude de rasgar os vestidos, como de costume fazião os ministros da Synagoga, e em geral todos os judeus em signal de mágua ou de horror,

(109) «... lh'o entregou para que fôsse crucificado... e escreveu um titulo em hebraico, em grego e em latim.»

(110) «E fez escarneo delle, tendo-o mandado vestir d'uma vestidura branca, e tornou-o a enviar a Pilatos.»

quando ouviam uma blasphemia, e em protestação de vingança; e tem a inscripção (111):

CAIPHAZ.
...SCIDIT VESTIMENTA
SUA DICENS
BLASPHEMAVIT.
Maht. Cap. 26, v. 65.

Recordam estas estatuas os despresos e ignominias, que Jesus Christo soffreu de casa de Annaz para a de Caiphaz, e d'esta para a de Herodes, até receber a sentença de condemnação em casa de Pilatos.

Correspondem a estas pelo outro lado do terreiro as seguintes:

I

José de Arimathea apresentando a Pilatos uma petição; e com a inscripção (112).

JOSEPH
DE
ARIMATHEA.
HIC ACCESSIT AD PILATUM
ET PETIIT CORPUS JESU.
Luc. Cap. 23, v. 52.

(111) «Rasgou as suas vestiduras, dizendo=blasphemou.»
(112) «Este foi ter com Pilatos, e pediu-lhe o corpo de Jesus.»

II

Nicodemos com uma taça na mão esquerda; e a inscripção (113):

NICODE-
MOS.
....FERENS MISTURAM
MIRRHAE ET ALEOS QUA-
SI LIBRAS CENTUM.
Joan. C. 19, v. 39.

III

O Centurião, representado por um corpulento soldado Romano, vestido de armas. escudo no braço esquerdo, lança na direita; e com a inscripção (114):

CENTU-
RIÃO.
ET CUM COGNOVISSET À
CENTURIONE, DONAVIT
CORPUS JOSEPH.
Marc. Cap. 15, v. 45.

IV

Pilatos em acção de receber a petição; e com a inscripção (115):

PILATOS
GOVERNA-
DOR DE JUDEA.
TUNC PILATUS JUSSIT
REDDI CORPUS.
Math. Cap. 27, v. 58.

(113) «Trazendo uma composição de quasi cem libras de myrra e aloé.»
(114) «E depois que o soube do centurião, deu o corpo a José.»
(115) «Pilatos mandou então que se lhe désse o corpo.»

Referem-se estas estatuas ao devoto zelo, com que os dois discipulos de Jesus Christo, José de Arimathea e Nicodemos, alcançaram de Pilatos o corpo de seu Mestre para o depositarem envolto em toalhas aromaticas, como costumava de fazer a gente judaica para conservar os corpos. Estão por isso do lado da capella do descendimento da cruz, a cujo acto são relativas essas inscripções.

Aos lados da meia laranja, que fórma o adro do templo, e detraz d'este continúa o terreiro sem fórma regular, — ao sul e nascente, ou á esquerda e detrás do templo, quasi a monte, — pelo norte ou á direita, mal terraplanado. D'este lado, e na extremidade do terreiro, acha-se uma casa grande, chamada — a casa da mesa, porque é especialmente destinada para as reuniões, e conferencias da mesa do govêrno da confraria. D'uma de suas paredes sahe uma fonte de pura e fresquissima agua.

III

Do Templo.

1.º — Exterior do templo (116)

O templo do Bom Jesus do monte é um vasto e espaçoso edificio, em que se distinguem as tres ordens de architectura — dorica, jonica e composta. No seu exterior figura-se repartido em quatro corpos; o primeiro, que se compõe da fachada e torres, e o terceiro, que é o cruzeiro, destacam do segundo e quarto, a que no interior cor-

(116) Estampa 7.ª Comprimento do templo $55^{m},50$: de largura na frente $24^{m},75$.

respondem o corpo da igreja e a capella mor. O zimborio eleva-se elegantemente no centro do cruzeiro, e é oitavado, rematando cada um dos oito cunhaes um ornato pyramidal sôbre a cornija: o seu tecto é tambem de oitavos, estreitando até fechar em pont'aguda, que termina em outro similhante ornato. No vão, que medeia, como fica dicto, entre o corpo da frontaria e o cruzeiro, ha, de cada lado, começando 'neste, uma sachrystia, — ambas estas pouco elevadas, porque ficam inferiores ás janellas e frestas lateraes do templo; e no restante espaço uma entrada, que dá passagem para o corpo da egreja. Sôbre estas portas lateraes lêem-se em lapidas embutidas no frontão letreiros, que recordam as épochas, em que a construcção do templo começou e findou. O da porta do norte diz:

FOI
LANÇADA A PRIMEIRA
PEDRA DESTE TEMPLO
NO 1.° DE JUNHO DE 1784

E ao lado d'esta porta uma lapida metida na parede exterior recorda os nomes dos membros da Mesa do govêrno da confraria do Bom Jesus do Monte, que pediram a sagração do templo.

Sôbre a outra porta lateral, do sul, o letreiro diz:

FOI
POSTA A ULTIMA PE-
DRA DESTE TEMPLO EM
20 DE SETEMBRO DE 1811.

As capellas do cruzeiro foram abertas nas paredes exteriores d'este; são sextavadas, e terminam em pont'aguda com pyramide sôbreposta.

A fachada do templo offerece variada architectura, sôbresahindo na primeira parte d'ella a ordem dorica, na

Lith. da Impr. da Universidade

O EXTERIOR DO TEMPLO

segunda a ordem jonica, na terceira a ordem composta. Do adro sobem cinco degraus para um patim, em frente do qual se acha a porta principal entre quatro columnas magnificas, inteiriças (117), duas de cada lado sôbre grossos pedestaes quadrados. Entre ellas, e dentro de grandes nichos, formados na espessura da parede do templo e coroados de frontaes em fórma triangular, estão as estatuas dos prophetas Jeremias e Isaias, em corpo inteiro de estatura ordinaria. A de Jeremias está entre as duas columnas da direita do templo, tem um livro na mão esquerda, e aponta com a direita para o céu. Na peanha lê-se (118):

JEREMIAS.
... AUDITE VERBUM DOMINI...
QUI INGREDIMINI PER PORTAS
HAS, UT ADORETIS DOMINUM.
Jerem. Cap. 7, v. 2.

A de Isaias está do lado esquerdo; tem, como aquella, um livro na mão esquerda, e sôbre elle uma caveira, para a qual aponta com o indice da direita. A inscripção diz (119):

ISAIAS.
VIDEBITIS, ET GAUDEBIT COR
VESTRUM, ET OSSA VESTRA
QUASI HERBA GERMINABUNT.
Is. Cap. 66, v. 14.

Nas extremidades da fachada, no espaço que medeia até os cunhaes, ha dous frestões (120) ou janellas altas,

(117) Tem de altura cada uma das columnas 6^m, e de circumferencia $2^m,75$.

(118) «Ouvi a palavra do Senhor... vós, que entraes por estas portas para adorar ao Senhor.»

(119) «Vós o vereis, e folgará o vosso coração, e os vossos ossos, como herva, brotarão.»

(120) *Frestão*, augmentativo de fresta, quando o augmento é em altura (Noticia do mosteiro de Belem).

e por baixo d'estas em compridas lapidas os seguintes letreiros. Na da direita do templo, ou á esquerda de quem entra, lê-se (121):

S. S. P. PIUS VI.
OMNIBUS CHRISTI FIDELIBUS ECCLOESIAM HANC DEVOTE VISITANTIBUS IN PERPETUUM CONCESSIT: — INDULGENTIAM PLENARIAM IN DOMINICIS PALMARUM, RESURRECTIONIS, ET PONTECOSTES, IN FESTIS ASCENSIONIS D. N. J. C., INVENTIONIS ET EXALTATIONIS S. CRUCIS, CONCEPTIONIS, NATIVITATIS, ANNUNTIATIONIS, PURIFICATIONIS, ET ASSUMPTIONIS B. M. V. Á 1 VESPERIS USQUE AD OCCASUM SOLIS DIERUM HUJUSMODI, PARITERQUE IN QUALIBET FERIA VI QUADRAGESSIMAE, ET SEMEL IN ANNO QUOCUMQUE DIE: — ITEM OMNES ET SINGULAS INDULGENTIAS STATIONUM VIAE CRUCIS VISITANTIBUS CAPELLAS HUJUS SANCTUARII.
S S. D. N. PIUS P. P. IX.
DIE II JULII MDCCCLVIII CONCESSIT AD DECENNIUM HANC ECCLOESIAM VISITANTIBUS:—INDULGENTIÃ PLENARIAM IN FESTIS NATIVITATIS, EPIPHANIAE, ET ASCENSIONIS D. N. J. C., S. JACOBI MAIORIS, ET DIE ANNIVERSARIO DEDICATIONIS IPSIUS ECLAESIAE Á I. VESPERIS USQUE AD OCCASUM SOLIS DIERUM HUJUSMODI: — INSUPER VII ANNOS, TOTIDEMQUE QUADRAGENAS QUALIBET ANNI FERIA VI.
OMNIA SUB CONDITIONIBUS IN INDULTIS EXPRESSIS.

(121)

O SS. P. PIO VI.

«A todos os fieis christãos, que devotamente visitarem esta egreja, concedeu para sempre: — indulgencia plenaria nos domingos de ramos, resurreição, e pentecostes, nas festas da ascensão de N. S. Jesu Christo, da invenção e exaltação da santa cruz, da Conceição, natividade, annunciação, purificação, e assumpção de N. Senhora, desde as primeiras vesperas até o pôr do sol de cada um d'estes dias; bem como em qualquer 6.ª feira da quaresma, e uma vez por anno em qualquer dia: e outrosim todas e cada uma das indulgencias das estações da via sacra, aos que visitarem as capellas d'este sanctuario.

O SS. P. PIO IX.

No dia 2 de julho de 1858 concedeu por dez annos aos que visitarem esta egreja: — indulgencia plenaria nas festas da natividade, epiphania, e ascensão de N. S. Jesu Christo, na de Sanct'Iago maior, e no anniversario da dedicação d'esta mesma egreja, desde as primeiras vesperas até o sol posto de cada um d'estes dias, e mais por 7 annos quarenta dias de indulgencia em qualquer 6.ª feira do anno. Tudo com as condições expressas nos indultos.»

O letreiro da esquerda diz (122):

A. D MDCCCLVII. DIE VERO X. MENSIS AUGUSTI EXCELLENTISSIMUS AC REVE-
RENDISSIMUS D. D. JOSEPHUS JOACHIMUS DE AZEVEDO E MOURA, ARCHIEPISCOPUS
ET DOMINATOR BRACARAE AUGUSTAE, HISPANIARUM PRIMAS, HANC ECCLESIAM IN
HONOREM D. N. JESU CHRISTI CRUCIFIXI CONSECRAVIT, ATQUE IN EJUS ALTARI MAIO-
RI HAS RELIQUIAS INCLUSIT: EX LIGNO SS. CRUCIS, DE COLUMNA FLAGELLATIONIS
EJUSDEM D. N., EX VELO B. V. MARIAE, EX PALLIO SANCTI JOSEPHI SPONSI EJUSDEM B. V.,
ET EX OSSIBUS S. S. APOSTOLORUM PETRI, PAULI, ANDREAE, JACOBI MAIORIS, THOMAE,
JACOBI MINORIS, BARTHOLOMAEI, MATTHAEI, SIMONIS, THADDAEI, MATTHIAE, ET BAR-
NABAE, XL ITEM DIES SINGULIS CHRISTI FIDELIBUS ECCLESIAM IPSAM DEVOTE VISITANTI-
BUS IN DIE ANNIVERSARIO HUJUS CONSECRATIONIS, QUI DOMINICA SECUNDA AUGUSTI QUO-
TANNIS CELEBRABITUR, DE VERA INDULGENTIA, IN FORMA ECCLESIAE CONSUETA, CONCESSIT.

(122) «No anno do Senhor 1857 aos dez dias do mez de agosto o Exmo e Rev.^{mo} Sr. D. José Joaquim de Azevedo e Moura, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, consagrou esta Egreja em honra de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado, e encerrou no seu Altar Mór estas Reliquias: as do Lenho da Sanctissima Cruz, da Columna da Flagellação do mesmo Nosso Senhor, do véu da Beatissima Virgem Maria, da capa de S. José, Esposo da mesma Beatissima Virgem, e dos ossos dos Sanctos Apostolos Pedro, Paulo, André, Tiago Maior, Thomé, Thiago Menor, Bartholomeu, Matheus, Simão, Thadeu, Matthias, e Barnabé. Egualmente concedeu quarenta dias de verdadeira Indulgencia, na fórma costumada da Egreja, a cada um dos fieis christãos, que visitarem devotamente a mesma Egreja no dia anniversario d'esta consagração, que se celebrará todos os annos na segunda Dominga de Agosto.

Um friso formado de pedras dentadas corre a todo comprimento da fachada sobre os capiteis das columnas e cunhaes, torneando os lados d'este primeiro corpo do edificio. Imbutida 'nelle por cima do portal, uma lapida contém a seguinte inscripção (123):

ET ERIT IN NOVISSIMIS DIEBUS PRAEPARATUS MONS DOMUS DOMINI IN VERTICE MONTIUM, ET ELEVABITUR SUPER COLLES, ET FLUENT AD EUM OMNES GENTES.
ISAI. CAP. 2.

Na segunda parte da fachada tres grandes janellas envidraçadas abrem para uma varanda, que no seu maior comprimento abrange toda a extensão das referidas quatro columnas.

É formada a varanda de balaustres de cantaria, entremeados de acroterios com alhetas (124) nas terças e extremidades; sobre estes pousam as estatuas, em corpo inteiro, dos Evangelistas com os seus emblemas (125). A janella do centro, que é a maior, tem bandeira alta em semicirculo. Um pouco acima d'esta as armas de Portugal pendem do friso, que de differente gôsto, mas do mesmo modo que o friso inferior, se extende e tornêa a todo

(123) «E nos ultimos dias estará preparado o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se elevará sobre os oiteiros, e concorrerão a elle todas as gentes.»

(124) *Acroterios* — os postes situados de distancia em distancia entre um certo numero de balaústres. *Alhetas* — os dois meios balaústres, que os acompanham dos lados. (Noticia do mosteiro de Belem).

(125) Os emblemas dos Evangelistas são — homem, leão, touro e aguia: o primeiro — de S. Matheus, cujo Evangelho começa pela genealogia temporal de Christo: o segundo — de S. Marcos, que principia pela prégação do Baptista no ermo: o terceiro — de S. Lucas, porque principia pelo sacerdocio de Zacharias: o quarto — de S. João, que, remontando ao seio da divindade, como a aguia á luz do sol, começa pela eterna e innefavel geração do verbo.

comprimento dos capiteis e pilares d'esta parte da fachada. As duas outras janellas são coroadas com frontões tambem semicirculares. Por cima d'estes lêem-se em lapidas embutidas as seguintes inscripções; a da direita diz (126):

MONS IN QUO BENEPLACITUM EST DEO HABITARE, IN EO ETENIM DOMINUS HABITABIT IN FINEM
PSALM. 67, 17.

Na da esquerda lê-se (127):

EXALTATE DOMINUM DEUM NOSTRUM, ET ADORATE IN MONTE SANCTO EJUS
PSALM. 98. 9.

Em cada uma das extremidades d'esta parte da fachada ha uma sacada, tambem com balaústres de pedra, e abre para ella uma janella envidraçada. Tem ambas estas por cima um mostrador de relogio; o da direita da fachada communica para o relogio da torre.

Corresponde a estas janellas na parte do edificio, que volta ao norte e sul, ou lados lateraes do templo, uma outra sacada e janella de cada lado pelo mesmo gôsto e com similhantes ornatos.

Termina a fachada em um elegante frontão com empenas, que tem em cada um dos angulos da base um ornato

(126) «Monte é este, em que se agradou Deus de morar, porque o Senhor morará 'nelle até o fim.»

(127) «Exaltae ao Senhor nosso Deus, e adorae-o no seu sancto monte.»

pyramidal, e no angulo superior uma cruz sobre peanha. Do tympano, ou entremeio das empenas resaltam os instrumentos da paixão, as escadas do descendimento, e em meio d'estes objectos um escudo com as letras (128).

S. P.
Q. R.

Aos lados do frontão erguem-se majestosas as torres do templo com seus altos campanarios ou ventanas, e cúpulas de elegante architectura, rematados a grande altura em ornatos pyramidaes. A torre da direita do templo, ou do lado do norte, contém seis sinos afinados; a fronteira os do templo antigo.

D'estas torres se desfructa para norte, sul e poente a mais extensa vista ao longe, melhor de quantas ha pelos escadorios, patim sobre a cascata, em derredor da grande alameda, ou d'outros pontos elevados dos arredores de Braga.

D'ahi se avista por entre prados, que, circumdados por videiras enforcadas, parecem ajardinados e verdejantes taboleiros, uma immensidade de povoações, logarejos, capellas, montes, estradas, regatos, e, como denso e comprido nevoeiro sobre o horisonte, uma grande porção de mar em differentes sitios.

Entre esta infinidade de objectos sobresáe a formosa cidade de Braga com suas espaçosas praças, suas torres rendilhadas, suas compridissimas ruas entre viçosos campos de verdura (129).

(128) Senatus Populus Que Romanus «o senado e o povo romano.»

(129) Braga é composta, ao centro, de grandes praças, que alli chamam *campos*, e de algumas largas e alinhadas ruas; e nas extremidades de ruas compridissimas e muito direitas, que se extendem em differentes direcções, medeando entre ellas campos de sementeira, fertilizados pelas correntes, que descem das serras e oiteiros.

Entre seus edificios sobresáe o Paço archiepiscopal, que para o *campo* dos touros appresenta uma frente majestosa; o convento do Populo; a

Mais adiante, a tres leguas, vê-se a villa de Barcellos, extendendo-se em quasi linha recta. Lá muito ao longe descobre-se o monte de S. Luzia, em cujas fraldas está edificada a cidade de Vianna, tão celebre por seus arrabaldes, e doces margens do sereno Lima. E correndo por todo o horizonte, avista-se o sitio das villas de Fam e Esposende sobre as praias, e o convento de religiosas de S. Clara de Villa do Conde, que lá ao cabo avulta majestoso sobre o cume d'um oiteiro.

2.º—Interior do templo (130).

O templo é formado d'uma só nave; e não tem ornatos de grande ostentação, mas é majestoso, de vastas proporções, e elegante architectura. Muitas janellas e frestas lhe dão luz talvez em demasia. Com quanto esteja dedicado ao culto divino desde a sua conclusão em 1811, faltava-lhe a consagração solemne, que só teve logar nos dias 9 e 10 de agosto de 1857 com toda a pompa religiosa. Consta esta solemnidade d'um folheto, que foi impresso em 1857, com o seguinte titulo — *Dedicação ou*

casa da Camara; e o hospital de S. Marcos, rico em architectura, e digno de visitar-se pela sua boa administração e arranjo.

Entre as Igrejas são notaveis a de Sancta Cruz, cuja fachada é primorosamente trabalhada de ricos lavores; a dos Congregados; a do Populo; e a Sé Cathedral, templo memoravel por sua antiga architectura em tres naves, côro magnifico de pau preto com marchetados e bellissimas pinturas, soberbos orgãos, e antiquissimos paramentos e ornamentos sacerdotaes, e archiepiscopaes.

A cidade é plana, a casaria simples, mas bem construida. Algumas casas têm ainda rótulas de madeira, resto de antigas usanças.

Braga, pela sua posição e circumstancias peculiares, é uma das terras mais susceptiveis de formosear-se; mas está ainda longe dos melhoramentos materiaes, que foram de esperar da facilidade de communicações, em que presentemente está, com o Porto e com as mais importantes terras do Minho por effeito das boas estradas, que por toda a parte cortam esta provincia. Sobre a fundação de Braga e antigos senhorios dos arcebispos, vej. Chorogr. T. 1, Tract. 2.º

(130) Estampa 8.ª d'esta 2.ª edição, e estampa 5.ª da 1.ª

consagração solemne do templo do Sanctuario do Bom Jesus do Monte, por M. A. P. S. presbytero.

O tecto da capella mór e do corpo da egreja é arqueado com artesões ou arcadas de cantaria, que estribando-se na cornija sôbre os capiteis dos pilares das paredes lateraes acompanham por egual a abodada. O do zimborio eleva-se em oitavos, junctando-se os artesões no centro, d'onde pende um candelabro de crystal. 'Num e 'noutro os entremeios contêm desenhadas com simplicidade figuras de anjos, e outras pinturas, e são rasgados sôbre a cornija, uns com frestas, outros com oculos envidraçados.

A capella mór, que separa do cruzeiro uma balaustrada de madeira, é proporcionada ao resto do templo. Tem por cima da cornija duas frestas largas, e por baixo tres tribunas com sacada e balaustrada de cantaria, allumiadas por frestas e janellas, abertas nas paredes lateraes.

O altar mór está debaixo d'um soberbo *baldabuim,* especie de sobre-céu, sustentado por quatro columnas. Por occasião da sagração do templo, este altar foi reconstruido d'uma só pedra do mais fino granito d'aquelles sitios, com lavores em relêvo pela frente. Em meio da face superior abriu-se um vão, no qual, coberto com uma lapida da mesma pedra, foi encerrado um cofre lacrado e sellado com as armas archiepiscopaes, contendo muitas sagradas reliquias, constantes da cedula em pergaminho, que se acha tambem encerrada com ellas, e que é do theor seguinte:

MDCCCLVII. die X mensis augusti, Ego Domnus Josephus Joachimus de Azevedo e Moura, Archiepiscopus ac Dominus Bracarensis, Hispaniarum Primas, consecravi Ecclesiam, et altare hoc in honorem D. N. Jesu Christi Crucifixi, et Reliquias ex Ligno Sanctae Crucis, de Columna Flagellationis ejusdem Domini nostri, ex velo Beatissimae Virginis Mariae, ex pallio Sancti Josephi Sponsi ejusdem Beatissimae Virginis, et ex ossibus Sanctorum Apostolorum Petri, Pauli, Andreae, Jacobi Maioris, Thomae, Jacobi Minoris, Bartholomaei, Mathaei, Simonis, Thadaei, Matthiae,

Lith. da Impr. da Universidade

INTERIOR DO TEMPLO

et Barnabae in eo inclusis; et singulis Christi fidelibus hodie unum annum, et in die anniversario consecrationis hujusmodi ipsam visitantibus quadraginta dies de vera indulgentia, in forma Ecclesiae consueta, concessi (131).

Em seguida ao altar mór eleva-se o calvario, formado de madeira, e em parte coberto de folha de Flandres, sôbre o qual está arvorada, dentro d'uma aceiada maquineta, a bellissima imagem de Christo crucificado, que o Arcebispo D. Gaspar mandou vir da Italia, e em 1776 offereceu á confraria do Bom Jesus. Por de fóra d'ella estão os dois ladrões aos lados da imagem de Christo,— do lado direito Nossa Senhora, duas Marias, e S. João, —á esquerda a outra Maria,—prostrada ante a imagem de Christo Santa Maria Magdalena, —e espalhados pelo monte o Centurião e sete soldados, dois dos quaes, recostados no chão, jogam os dados sôbre a tunica de Jesus Christo, outro tem o estandarte com as iniciaes (132)

S. P.
Q. R.

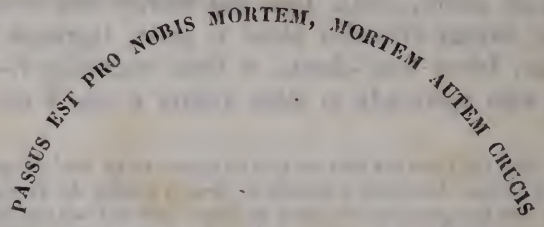
e outro uma trombeta. Estas figuras são de madeira, e tem algum merecimento. Uma das Marias com os olhos no chão, braços cruzados sôbre o peito, lagrimas borbulhando, bôcca semi-aberta, e faces encovadas;—das outras, uma apertando as mãos contra o seio e com os

(131) «Em 1857 aos dez dias do mez de agosto eu D. José Joaquim de Azevedo e Moura, Arcebispo e Senhor de Braga, primaz das Hespanhas, consagrei esta Egreja e altar em honra de Nosso Senhor Jesus Christo crucificado; e encerrei'nelle as reliquias do lenho da Sanctissima Cruz, da columna da flagellação do mesmo Senhor, do véu da Beatissima Virgem Maria, da capa de S. José Esposo da mesma Beatissima Virgem, e dos ossos dos Sanctos Apostolos Pedro, Paulo, André, Tiago Maior, Thomé, Tiago Menor, Bartholomeu, Matheus, Simão, Thadeu, Mathias e Barnabé; e a cada um dos fieis Christãos, que visitarem a mesma Egreja, concedi hoje um anno, e no dia anniversario d'esta consagração quarenta dias de verdadeira indulgencia na fórma costumada da Egreja.»

(132) «Senatus, Populus
«Que Romanus.
«O senado e povo romano.»

olhos enlevados, e outra na attitude de fallar-lhe, apontando para a cruz, como quem lhe aconselha resignação, e dá conforto contra a violentissima dor de seu coração; —a Magdalena prostrada aos pés da cruz, desgrenhada, e com os olhos embaciados; — logo um pouco para traz o Centurião, extasiado, e 'nesse instante tremendo do desengano, em que, abertos seus olhos, reconheceu ser aquelle o Filho de Deus (133); — os dois soldados em uma posição natural, jogando a tunica de Jesus Christo, e os outros de rostos satisfeitos, como descançados da horrivel missão, que lhes fôra incumbida, — compõem um grupo de figuras de sentimentos inteiramente differentes, e offerecem um perfeito constraste entre a feroz impenitencia dos judeus, a dor profunda e concentrada de Nossa Senhora, das tres Marias, da Magdalena, e de S. João, e a conversão milagrosa do Centurião no momento da morte de Jesus Christo. Todas as figuras são effigiadas ao natural, e com os competentes vestuarios.

Por cima da maquineta dois anjos sustentam uma tarja, que tem o seguinte letreiro (134):



Nas paredes da capella mór estão pintados dois quadros de algum valor: um representa Jesus Christo na acção de dar vista ao cego; e o outro o passo da Escriptura, em que trazendo os Escribas e Phariseus á pre-

(133) «*Vere hic homo filius Dei erat* — Marc. 15, 39. «Verdadeiramente este homem era filho de Deus.»

(134) «Soffreu por nós a morte na cruz.»

sença de Jesus Christo uma mulher adùltera, este lhe perdoou, respondendo aos que a accusavam: «*Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat*» (135); — palavras cheias de moralidade, sentença sublime, e justa reprehensão dos que, sem verem seus defeitos, são tão faceis em delatar as faltas dos outros.

No cruzeiro ha duas capellas, e dois altares. Aquellas são abertas, como fica dicto, uma defronte da outra, nas paredes lateraes do templo. A da direita encerra o Sanctissimo Sacramento. A fronteira tem sôbre a banqueta do altar uma caixa envidraçada, e dentro d'esta uma boa imagem de Nossa Senhora da Soledade, que o Reverendo Manuel Antonio de Oliveira, capellão que foi do Collegio das Ursulinas de Braga, legou ao Sanctuario. Tem esta imagem um vestido de tella de ouro, e manto de cabaia azul, um e outro ricamente bordados a ouro, cinto dourado, colar, explendor, e brincos recamados de brilhantes. São tambem dignas de admirar ahi duas jarras de porcelana, com um ovo de abestruz cada uma; 'nestes estão enfiados dois riquissimos ramos feitos d'escamas de peixe, sôbre cada um dos quaes pousa, embalsamado, um pica-flor de viva côr escarlate. O collar, brilhantes, jarras, e mais preciosidades referidas foram devota offerta de differentes senhoras da alta nobreza e generoso coração, cujos nomes a sua modestia me não permitte divulgar, e que por isso mais se exhaltam, humilhando-se.

Tem tambem este altar sôbre o throno muitas reliquias dentro de pequenos bustos, dispostas pela ordem hierarchica; e debaixo do altar os ossos do Martyr S. Clemente, vestidos de uniforme militar de seda de ouro e prata, coroa de flores na cabeça, palma na mão, e com uma porção de seu sangue em um vaso aos pés (136).

(135) «O que de vós-outros está sem peccado, seja o primeiro, que a apedreje.» S. Joan., c. 8, v. 7.

(136) Sôbre o throno uma custodia com o santo lenho, e pelos degraus uma urna com a cabeça de S. Donatho martyr, e pequenos bustos e cai-

Tem ambas as capellas duas janellas, e duas portas, que dão communicação para o seu throno e janellas.

Os altares do cruzeiro ficam aos lados da capella mór: o da esquerda tem um retabulo grande, que representa Jesus Christo na acção de salvar S. Pedro das aguas do mar, e por baixo d'elle em outro mais pequeno a venda de José aos mercadores Ismaelitas: e o da direita representa Jesus Christo entregando as chaves a S. Pedro, e por baixo o sacrificio de Abrahão.

Os retabulos maiores d'estes altares, e os do corpo da Egreja, que são todos eguaes, foram doados ao Sanctuario, e são pinturas de merecimento. Não se descobre nelles o nome do auctor; e apenas no do salvamento de S. Pedro podem a custo divisar-se as iniciaes — P. A.

Tem tambem o cruzeiro as estatuas dos quatro Doutores da Egreja, S. Agostinho, S. Ambrosio, S. Gregorio Magno, e S. Jeronymo, feitas de madeira.

O zimborio é oitavado, como fica dicto, muito eleva-

xas com as reliquias — do lençol, em que Jesus Christo foi amortalhado; — das faixas, que envolveram o menino Jesus; — do véu e camisa de Nossa Senhora; — da esponja; — da capa de S. José; e outras reliquias — dos quatro Evangelistas; — de S. Estevão, proto-martyr; — dos Papas, S. Anacleto, S. Marcello, martyres; — do Bispo S. Braz, martyr; — de S. Lourenço e S. Sebastião; — de S. Ambrosio, S. Agostinho, S. Jeronymo, S. João Chrysostomo, S. Isidoro, S. Boaventura, S. Bernardo, S. Thomaz d'Aquino, Doutores da Egreja; — de S. Martinho, S. Pio 5.º, S. Anselmo, S. Antonino, S. Carlos, S. Francisco de Sales, Confessores Pontifices; — de S. Antão, S. Domingos, S. Francisco d'Assís, S. Francisco de Paula, S. Ignacio de Loyola, S. Filippe Neri, S. Pedro d'Alcantara, confessores e fundadores d'ordens; — de S. Antonio de Padua, S. André Avelino, S. Vicente Ferrer, S. Paschoal Baylam, S. Alberto Carmelita, S. Roque, S. Aleixo, confessores; — de S. Joaquim e S. Anna, paes de Nossa Senhora; — de S. Agueda, S. Lusia, S. Ignez, S. Apollonia, S. Dorothea, S. Christina, S. Barbara, S. Victoria, e S. Eufemia, virgens e martyres; — de S. Petronilha, S. Escollastica, S. Clara, S. Catharina de Senna, S. Rosalia, S. Theresa, virgens; — e de S. Monica, S. Francisca Romana, S. Margarida de Cortona.

Foram quasi todas as reliquias, e os ossos de S. Clemente, offerta de F. B. Maciel Aranha, de Braga, em 1779; e no cartorio estão archivadas as authenticas.

do (137), e espaçoso: recebe luz por quatro janellas ornadas de frontões, e outros tantos oculos entremeados com aquellas. Uma varanda rendilhada, de madeira, acompanha-o sôbre a cornija.

Tem o corpo da Egreja em cada uma de suas paredes lateraes tres grandes e elegantes arcadas de volta inteira. As duas primeiras, uma fronteira á outra, respondem ás portas lateraes do templo; as outras contêm altares, dois de cada lado, com retabulos maiores e mais pequenos á similhança dos do cruzeiro: naquelles representa-se a resurreição do filho da viuva de Naim, a conversão da Samaritana, o perdão da Magdalena, e a cura do leproso; estes contêm um quadro das almas, a expulsão de Adão e Eva do paraíso, a coroação de Nossa Senhora, e a tentação da serpente. Uma comprida grade com balaustrada de madeira de cada lado resguarda os altares.

Por cima de cada uma d'estas arcadas e altares ha uma tribuna, como as da capella mór, com sacada de balaústres de pedra; dão-lhes luz frestões abertos na parede exterior do templo, superiores, como dissemos em seu logar, aos telhados das sachristias.

O côro é pequeno em proporção com o templo; ha pouco foi reformado, accrescentando-se-lhe dois corpos, que se seguem a elle, encostados ás paredes lateraes do templo; em um d'estes está o orgão.

Além das duas sacristias, a que já alludimos, e que se extendem aos lados do templo, tem este uma outra detraz do altar mór, que, por ser muito pequena e humida, apenas serve para deposito de castiçaes e cera, e communica com a capella mór pelas portas, que dão serventia para as tribunas e calvario.

Na sacristia principal, que é d'aquell'outras duas a do lado esquerdo do templo, é digna de notar-se uma mesa de pedra, coberta d'um precioso marmore. Ahi se

(137) Tem de elevação 27m.

venera tambem uma imagem magnifica de Christo crucificado em cruz de ebano com marchetados de marfim sôbre calvario da mesma madeira. Esta imagem foi offerecida e mandada da India pelo Viso Rei D. Diogo de Sousa, conde de Rio-Pardo, natural de Braga. Guardam-se tambem 'nella, além d'outros ornatos, alguns vazos sagrados e paramentos de estimação, entre os quaes são muito ricos dois paramentos a seda, e outros inteiros de damasco lizo, e uma antiquissima alva com o nome, bordado na renda, do Arcebispo D. Rodrigo.

Um quadro encaixilhado estava ahi, não ha muito tempo, contendo um excellente ramo de flores em cera, mimosa offerta d'uma Senhora das cercanias de Braga.

E entre os retratos de bemfeitores mais celebres, que por especialidade adornam as paredes d'esta sachristia, vêem-se os do Sr. Rei D. João VI, que por decreto de 29 de julho de 1822 se declarou protector do Sanctuario, os dos Summos Pontifices Clemente XIV e Pio VI, os dos Arcebispos D. Jorge da Costa, D. Gaspar, e D. Rodrigo de Moura, o do último Bispo do Porto D. Jeronymo José da Costa Rebello, juiz da confraria em 1847, e, entre outros, os de D. Sigismundo Caetano Alvares Pereira de Mello, 3.° Duque de Lafões, 5.° Marquez de Arronches, e 8.° Conde de Miranda, e de D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho, 8.° Conde de Cantanhede, e 6.° Marquez de Marialva.

A sachristia fronteira é chamada propriamente — *dos bemfeitores*, porque 'nella se acha collocado número consideravel de seus retratos.

Ahi se guarda tambem com summo recato a antiga imagem do Bom Jesus do Monte, de grande veneração e devoção para os Braguezes, que em suas afflicções, e principalmente em occasião de preces, costumam de pedil-a á Mesa para as egrejas de Braga.

Contém finalmente esta sachristia muitas offertas de cera; alguns quadros, que representam milagres; e um

painel do novo templo, inda incompleto, com o seguinte letreiro:

«É dedicada esta memoria aos bemfeitores, e honrados «lavradores das freguezias circumvisinhas d'este Sanctua«rio, que com pio e fervoroso zêlo tanto se empenharam «em conduzir gratuitamente em seus carros toda a pedra «para a construcção d'este majestoso templo.»

A este fervoroso zêlo dos povos foi devido o adiantamento do templo, que, tendo sido lançada a primeira pedra no 1.º de junho de 1784, estava concluido a 20 de setembro de 1811; e este beneficio dos povos deixou entre elles o louvavel costume de conduzirem, a expensas suas, toda a pedra, que fôr mistér para as obras do monte, nos dias determinados pelo védor das obras.

IV

Notas biographicas do architecto do templo.

Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante, filho de Manuel Ferreira da Cruz Amarante e de Maria Josefa Pereira, nasceu em Braga pelo meado do seculo passado.

Seu pai, que, vindo de Amarante com tenção de ordenar-se, se enamorára da mulher, com quem casou, e fôra por isso obrigado a procurar novo genero de vida, ensinou musica e canto-chão, até que obteve do Arcebispo D. Gaspar o officio de Escrivão do registro geral. Carlos, seu filho, foi tambem destinado á vida ecclesiastica; mas o mesmo destino, que roubou o pai á Egreja, levou o filho ao altar com Luiza Lopes, filha d'um famoso espingardeiro de Braga, tão habil na sua arte, que o conde de

Lippe, vendo obra d'elle, quiz assistir ao seu trabalho, e confessou que, depois que saíra da Alemanha, não encontrára quem melhor trabalhasse. Carlos, não podendo então ser soccorrido por seu pai, que já contava numerosa descendencia, voltou-se para seus amigos: e estes, protegendo-o no que podiam, começaram de animal-o para desenvolver o grande talento, que desde estudante mostrava para o desenho e architectura. Por este tempo se construiram em Braga debaixo da sua direcção as seguintes obras, para as quaes deu o risco, — a casa, hoje pertencente aos herdeiros do cavalheiro Antonio Luiz da Costa Pereira Coutinho de Vilhena com frente para os *campos* da vinha e dos touros, — a igreja e convento do Populo, — e o hospital de S. Marcos.

Exercendo o emprêgo de Porteiro da Camara do mesmo Arcebispo, que a tantas virtudes, de que foi dotado, juntava a de favorecer os homens de genio, Carlos teve occasião de fazer-se mais conhecido, quando foi encarregado do risco e direcção da ponte de Amarante.

Pelo bom desempenho d'esta empresa, e a instancias do Arcebispo, foi Carlos despachado, no ministerio do visconde de Balsemão, segundo tenente de engenharia; pouco depois nomeado lente de desenho na Academia, onde esteve dez annos; e elevado durante esse tempo á patente de primeiro tenente d'aquella arma.

Em 1805 foi encarregado da construcção da ponte de barcas sôbre o Douro, a qual lhe grangeou bem merecida fama, porque por tal arte desempenhou este trabalho, que durante o tempo que lhe foi commettida a inspecção da ponte, não se perdeu nas cheias uma só barca. Esta ponte era provisoria, em quanto se não levantava a de pedra em um só arco sôbre os dois rochedos da Serra e das Fontainhas, de que tambem havia sido encarregado, obra, que não chegou a começar-se em consequencia da retirada da Côrte para o Brazil, e entrada dos Francezes 'nestes reinos, mas que elle se compromet-

têra a levar a effeito, mostrando a possibilidade de sua construcção pelo risco, que offerecêra, e em um grande modelo de differentes peças de madeira appresentára ao Govêrno.

No Porto são tambem seus o risco do templo da Trindade, da Academia, e da egreja das almas ás Taipas.

Nomeado capitão de engenheiros, foi chamado em 1810 pelo general Azeredo para reparar as fortificações de Valença do Minho, em cujos trabalhos se distinguiu por espaço de mais de tres annos; mas, inhabilitando-se pela sua edade e molestias, foi reformado, e se retirou para Braga na qualidade de addido ao corpo de engenheiros; e d'ahi veio para o Porto nos fins do anno de 1813, onde morreu em janeiro de 1815.

Jaz na igreja da Trindade, de cuja corporação era irmão remido por ter offerecido gratuitamente o risco e instrucções para a construcção d'este templo.

A obra porém de mais particular devoção d'este architecto foi a do templo novo do Bom Jesus do Monte, que elle concebeu em sua imaginação, e delineou muito antes de ser engenheiro, que inspeccionou até ir para Lisboa reger a Cadeira de desenho, e que de Lisboa, do Porto e de Valença dirigiu, offerecendo gratuitamente todos os riscos e instrucções precisas. D'elle são tambem os riscos do escadorio das virtudes, capellas do descendimento, e da elevação da cruz, e em geral de todas as novas obras, que estão feitas ou em projecto. Todos estes beneficios lhe mereceram o titulo d'um dos mais zelosos bemfeitores do Sanctuario, e a collocação do seu retrato na sacristia dos bemfeitores. Outro premio não teve; nem outro podia a confraria conferir-lhe. Mas, quando se considerar que todo este local era uma eminencia coroada de rochedos, por entre os quaes apenas cresciam alguns carvalhos, e que a concepção sublime de Carlos de Amarante traçára alli tão majestoso edificio, ninguem deixará de respeitar a memoria d'este homem grande, cujo nome

merecêra ser coberto de immarcessiveis loiros, mas que, por ser Portuguez, apenas existe 'num painel na acção de traçar o risco do templo do Bom Jesus do Monte, 'num painel, que talvez em breve seja consumido com o seu nome pela mão do tempo.... Mas não!!... que as gerações futuras, quando verificarem o vaticinio inscripto sôbre a porta principal do templo—*Et erit in novissimis diebus.... et fluent ad eum omnes gentes*—perguntarão umas ás outras: quem foi o Genio, que produziu obra tão majestosa?.... E os pais, cheios de ufanía, ensinarão a seus filhos o nome de Carlos de Amarante; e estes o repetirão a outros de seculo em seculo, até que vá sepultar-se debaixo das ruinas do monumento maior de sua gloria — o templo do Bom Jesus do Monte!!

Tem este illustre Bracharense descendentes na cidade de Braga, os quaes conservam não só os documentos biographicos do insigne architecto, senão tambem uma collecção dos seus melhores desenhos, entre os quaes merecem especial consideração os seguintes: a perspectiva do templo, e alguns contornos do Bom Jesus do Monte, e a ponte de Amarante, ambas desenhadas com a maior limpeza a bico de penna; as perspectivas do convento do Populo, e hospital de S. Marcos em Braga a banho de nanquim, todas quatro obra de sua propria invenção; a ponte de Pombal, pelo tenente coronel de engenheiros Joaquim de Oliveira, e a de Mellum sôbre o Sena, por Peronette, ambas copiadas a banho por Amarante.

V

Da avenida (138).

Á esquerda da capella do descendimento da cruz abre-se em suavissimo declive na direcção de nordeste uma rua extensa e espaçosa (139), que por de fóra dos parapeitos acompanham majestosas carvalheiras.

As capellas, que 'nesta rua e no resto do monte completam os passos da vida e paixão de Jesus Christo, têm todas a mesma architectura da anterior do descendimento da cruz. A 56^{m} acima d'esta capella ficam em um patim, para o qual sobem cinco degraus, a primeira capella da avenida e a sua fonte, aquella á direita de quem sobe, esta defronte sôbre o parapeito. A capella é sextavada (140); e entre a porta e a cimalha lê-se a inscripção (141):

POSUERUNT
EUM IN
MONUMENTO
Act. Apost. c. 13, v. 29.

Representa esta capella a uncção do Senhor. Sobresahe entre as figuras, de que se compõe, a de Nossa Senhora, chorando de joelhos sôbre o corpo de seu Filho.

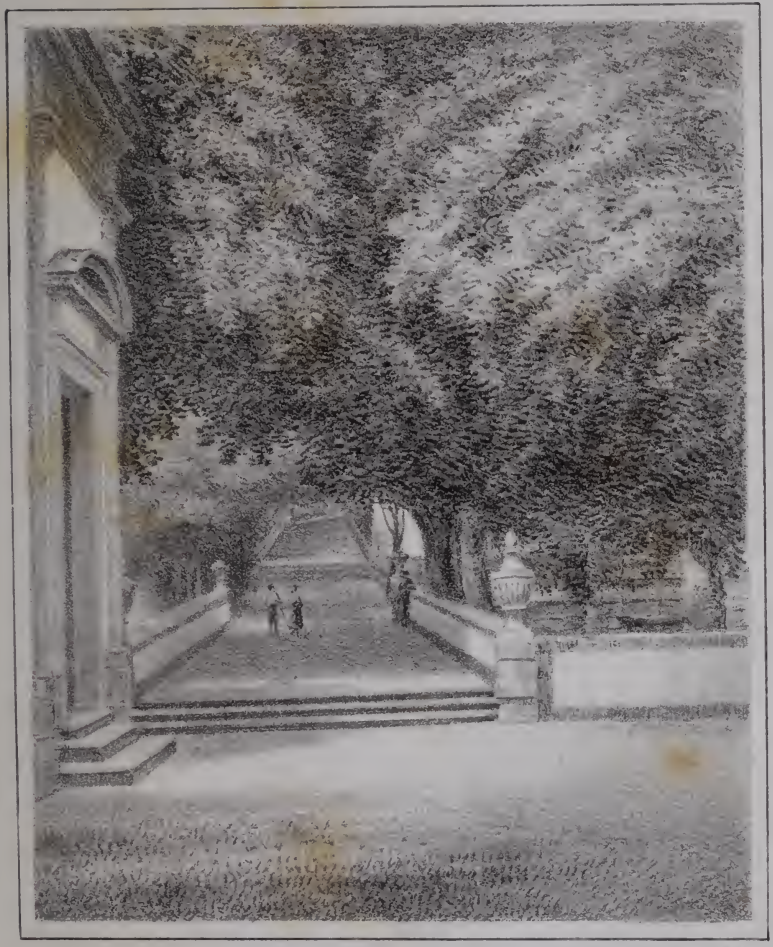
(138) Estampa 9.ª
(139) Tem de comprimento 180^{m} e de largura 6^{m}.
(140) Tem 6^{m} de altura até a cimalha, e 4^{m},62 de largura em cada face.
(141) «... o pozeram no sepulchro.»

Lagrimas, que se vêem borbulhar e entornar-se pelo rosto pallido e macerado; expressão de saudade e amargura d'uma carinhosa Mãi; tudo é 'nella natural e vivo.

A fonte é simples; e os emblemas mythologicos, se os teve, desappareceram inteiramente. Não sabemos por isso qual das divindades do paganismo allegorisava; cremos porém ser a fonte de Jano, de principio construida no passeio, que da capella do descendimento conduz para o terreiro do templo; porque lhe corresponde pelo lado posterior uma outra fonte, talvez de industria alli construida para representar aquella divindade, que os antigos pintavam com duas caras, alludindo aos seus atributos— conhecimento exacto do passado e previsão do futuro (142).

A 69^{m} acima d'esta capella e fonte ficam a segunda fonte e capella da avenida, esta á esquerda, aquella á direita de quem sobe. A capella é quadrada (143), e representa o acto da resurreição de Jesus Christo. Do pavimento rebenta um repucho. A fonte é allegorisada pela figura grosseira d'um homem, de estatura menos que mediana, com o braço direito levantado em acção de arremessar com uma pesada massa, e a cavallo em uma hydra, que lança agua pela bôcca e ouvidos. Termina 'numa cruz. Esta fonte, construida defronte da capella da resurreição, é, a nosso ver, uma das mais engenhosas allegorias do monte do Sanctuario. Á imitação do sentido mystico das fontes mythologicas juncto das primeiras capellas, simbolisa ella o mais augusto mysterio da religião christã, — a salvação do genero humano, o triumpho da cruz sôbre as portas do inferno pela resurreição de Jesus Christo. E em verdade, á similhança do Hercules dos pagãos, que venceu a hydra de Lerna (144), Jesus Christo póde dizer-se o Hercules do Christianismo, porque pela

(142) Dictionaire des artistes par G. D. S. T. — Paris, 1830.
(143) 6^{m} em quadro.
(144) Diz a fabula que um dos doze trabalhos, a que Juno sujeitára Her-



Lith. da Impr. da Universidade

A AVENIDA

sua resurreição esmagou o poder do inferno, e abriu aos homens as portas do céu. E se este é, como cremos, o pensamento mystico d'aquella fonte, que mais viva e engenhosa comparação podéra ter-se encontrado para significar tão augusto mysterio em um logar, onde com pensamentos religiosos se junctasse distracção da alma!

Continúa a avenida mais 35^{m} até o terreiro dos Evangelistas.

Acompanham-na desde o terreiro da cascata parapeitos largos e cobertos de cantaria, apenas cortados um pouco acima da capella do descendimento (145) para dar passagem para o terreiro do templo, e para um outro de forma irregular, que lhe fica ao norte.

A um lado d'este terreiro acha-se um tanque para receber as aguas da fonte, que, segundo dissemos, faz a face posterior da de Jano defronte da capella da uncção. Sáe a agua de sete castellos, donde lhe chamam a fonte dos castellos, e tem em derredor da tarja o letreiro (146):

RODERICUS ARCHIEPISCOPUS PRIMAS HISPANIARUM, AN. 1723.

'Neste mesmo terreiro, no da estatua de Longuinhos, na passagem, que d'este communica para aquelle, e pelo outro lado da avenida acima da *casa da Mesa* estão as hospedarias, quarteis de romeiros, residencias dos capellães, e outras casas destinadas para differentes serviços da confraria (147). Em todas as epochas do anno é muito frequente nas primeiras a concorrencia. 'Nesta quadra, que de ha muitos annos vamos atravessando, de dissensões politicas, alegra-se o coração de encontrar alli con-

cules, foi vencer na lagoa de Lerna uma hydra de muitas cabeças, que renasciam, á porporção que lh'as segava.

(145) 23^{m}.

(146) «Rodrigo, Arcebispo Primaz das Hespanhas no anno de 1723.»

(147) As novas hospedarias offerecem já grande commodidade aos visitantes; uma especialmente corresponde perfeitamente ao rotulo, que tem sôbre a porta principal—Hotel da boa vista.

vivendo affectuosamente pessoas de opiniões differentes, de crenças inteiramente oppostas. Mas não é isso de admirar; podem mais nos habitantes de Braga o bom nome da sua patria, e a affectuosa benevolencia para com extranhos, do que as paixões e interesses particulares. Não nos cega a gratidão, que lhes devemos, com quanto muito grande seja ella por nós e por nossos mais proximos parentes. Se alguem tomar por lisonja o que é franca expressão d'um sentimento verdadeiro.... que vá a Braga.... que estude o coração dos Braguezes.... que lhes pague amizade com amizade, franqueza com franqueza.... e diga-nos depois, se de maravilha não é encontrar por outras partes o que tão vulgar é, e tão natural, entre a classe mais polida dos habitantes de Braga.

VI

Da grande alameda e do terreiro dos Evangelistas.

Sôbre o cume da montanha, em um logar encoberto de todos os lados por frondosas carvalheiras, o visitante, que pela vez primeira subir ao monte da Sancta Cruz, mal pensará encontrar alli a mais vistosa e elegante porção do Sanctuario.

O terreiro dos Evangelistas fica ao cabo da avenida, donde se sobem para elle oito degraus. É octangular (148); e as arvores, que por de fóra dos parapeitos o cercam, alargando suas cimas per sôbre elle, têm-lhe formado um toldo em toda a circumferencia. Encontram-se ahi as

(148) Tem em toda a volta 156m.

tres ultimas capellas, entresachadas com as quatro fontes dos Evangelistas.

As capellas são edificadas sôbre grandes patins, elevados cinco degraus acima do pavimento do terreiro.

A primeira representa a apparição de Jesus Christo a Sancta Maria Magdalena em trajes de hortelão; e a segunda, que lhe está fronteira, o castello de Emmaús, onde se deu a conhecer a S. Lucas e Cleophas. Cada uma fica 29^{m} da entrada do terreiro, aquella á esquerda, e esta á direita de quem entra. No meio d'esses intervallos acham-se as fontes de S. Matheus e de S. Marcos, rematadas nas estatuas d'estes Evangelistas com seus emblemas: a primeira d'estas fontes lança agua pela bôcca de um rosto humano, a segunda pela d'um leão.

Esta fonte contém uma lembrança de gratidão a um dos maiores bemfeitores do Sanctuario, Manuel Rebello da Costa, a cujo zêlo e riqueza é devida grande parte das obras desde o templo para cima: são as seguintes palavras, já quasi sumidas pelo tempo, que se acham gravadas por detraz do pedestal da estatua:

ANO DE 1767 SEN-
DO ZELLADOR
E BEMFEITOR
MANOEL RA-
BELLO DA COSTA.

Aberturas nos parapeitos d'este terreiro aos lados de cada uma das fontes communicam-no com a mata, que o cérca, ora em despenhadeiro, ora plana, formando melancholicos retiros n'uns sítios, e grandes alamedas n'outros. Uma d'estas, começando ao lado da avenida, com a qual se communica por duas aberturas nos parapeitos da capella da resurreição, extende-se ainda um pouco ao longo do terreiro dos Evangelistas. Povoada de majestosas carvalheiras, que durante o estio a tornam um dos agrada-

veis sítios da montanha, tem tambem de volta grandes e variadas vistas de monte, campo e prado para poente, norte e nascente. Em uma das extremidades encontram-se debaixo d'um frondoso carvalho duas mesas de cantaria com assentos. Este sítio é pittoresco, porque, ficando em elevada posição, e quasi a tocar no declive do monte, d'elle se disfructa a mimosa perspectiva dos ferteis campos e ajardinados prados, que pelas fraldas e encostas dos oiteiros se vão gradualmente extendendo até além das serras da Abbadia e S. Fins, alcatifados de casaes e torrinhas, que alvejam por entre o arvoredo.

A ultima capella fica onde o terreiro faz metade, 27m,75 distante de cada uma das outras.

Mais alta e espaçosa do que todas as da montanha, de cúpula mui elevada, rematando em uma elegante pyramide, fachada sumptuosamente trabalhada em grossas pedras de granito pardo-escuro, e com duas altas pyramides sôbre os parapeitos d'um e outro lado do patim, é esta capella a melhor do monte, e digna do seu objecto.

Representa-se 'nella a ascensão de Jesus Christo, que em uma nuvem cercada de anjos se eleva ao céu d'entre um fermoso grupo das estatuas de Nossa Senhora e dos Apostolos, admiraveis pela propriedade, viveza e naturalidade de suas attitudes.

Das costas d'esta capella disfructa-se uma perspectiva um pouco differente dos outros pontos de vista do monte. Um valle profundo e comprido, que separa o monte do Bom Jesus do outro monte Espinho, abre-se diante dos olhos em grande despenhadeiro. Por elle discorre com socegado e triste murmurio a ribeira d'Este, que, atravessando a estrada dos Peões, vem passar ao sul de Braga. Ao longo d'ella, em todo o valle, que fica debaixo dos olhos, alguns casaes, alvejando por entre poucos retalhos de verdura, — á direita os pequenos montes de Pedralva, semeados de pinheiros raros e de pouca altura, — um pouco além para nascente as serras de Carva-

lho d'Este e de Nossa Senhora da Abbadia, onde apenas branquejam alguns casaes com terra lavradia,—e mais ao longe sôbre o horisonte os negros, calvos e agrestes pincaros das montanhas de S. João do Campo e do Gerez, avistando-se por entre as quebradas d'aquellas serras, e alevantados, como gigantes, coroados de penedias encrespadas e apicadissimas, compõem um painel melancholico, em partes carregado, mas soberbo. Contraste notavel com as outras perspectivas do monte! A natureza, que ao poente pela extensissima campina até o mar, e ao norte pelo formoso quadro de serras, oiteiros e campos se ha mostrado tão risonha e alegre, perde aqui um pouco d'aquelle seu risonho aspecto.

Aos lados da capella da Ascensão, no meio da distancia d'esta ás outras do terreiro, estão as fontes de S. João e de S. Lucas; a agua da primeira sahe pela bôcca d'uma aguia; a da segunda, pela d'um touro.

De todas as obras do monte do Bom Jesus nenhuma ha tão bella aos olhos, tão rica d'arte, de bom gôsto e de graças da natureza, como esta parte do Sanctuario desde a cascata até o terreiro dos Evangelistas. Este é tambem o logar de maior concurrencia. Na primeira parte do monte, a sua natural tristeza pelo emmaranhado da mata; os passos da paixão, tão ao vivo representados e em tal grandeza, que se vêem de curta distancia das capellas; o monótono susurro das fontes; nenhumas vistas através do arvoredo; e aquelle sentimento íntimo religioso, que sempre occupa a alma do christão na presença dos tormentos do Salvador, causam profunda melancholia, que nem a todos póde ser agradavel. Sel-o-ha por ventura ao homem, que, entregue exclusivamente ao sentimento religioso, foge das diversões da terra, e procura junctar-se com Deus nos ermos longe das vistas dos outros homens,—ao mancebo, que, depois d'uma juventude desperdiçada em disturbios d'um genio fogoso, vem, ar-

rependido de suas loucuras, carpir na espessura do bosque as penas verdadeiras, que lhe pungem agora o centro d'alma, — ao coração sensivel, que uma série não interrompida de encontrados prazeres e desgostos reduziu a um estado apathico de indifferença e receio. Mas esta melancholia do ermo não apraz por certo ao homem, de todo involvido no bulicio do mundo, — ao moço na flor dos annos, de coração ardente, — ao rustico aldeão, que não comprehende as maravilhas da natureza, e que no Bussaco e no Bom Jesus do Monte corre de fugida de umas para as outras capellas, apenas attentando nas estatuas, que tanto mais lhe agradam, quanto mais volumosas e grosseiras forem. E de todos estes é que mais se compõe o mundo; e por isso tão pouca é a concurrencia 'nesta bellissima e poetica parte do sanctuario. Seguem-se os escadorios, que mal podem gozar-se durante os mezes de calma, e cuja grandeza uns não entendem, outros não sabem apreciar. Mas a avenida, a grande alameda, e o terreiro dos Evangelistas reunem aos encantos da primeira parte do monte as bellezas dos escadorios, sem o incommodo d'estes, nem a profunda melancholia d'aquella. Goza-se por ahi á sombra das altas e copadas carvalheiras o ar fresco e sereno de manhã de primavera nos mais ardentes dias do estio, e muito desafogo de espirito pelas alongadas vistas da grande alameda, e da capella da Ascensão. Sua extensão e largueza, seu pizo brando e macio, e o ar sempre puro, convidam a passeio: e por isso todos se reunem alli, formando magotes, uns passeando, de pé outros, ou recostados nos largos parapeitos, todos rindo e folgando.

São frequentes em Braga e no Bom Jesus as festividades e as romarias, porque este bom povo do Minho conserva felizmente ainda os costumes e ideias religiosas, que sempre o characterizaram. As festividades em Braga fazem-se com gravidade e grandeza; e as suas procissões tornavam-se, ainda ha pouco, singulares pela usança do *boi*

bento e do carro da herva (149), restos de cultos supersticiosos, que o povo venera, porque lhes liga ideias religiosas, e porque lhe foram legados por seus maiores. A principal romaria no monte do Bom Jesus é a do Espirito Sancto. Assistimos a uma d'estas. As capellas achavam-se abertas, apenas defendidas com uma pequena grade de páu; tinham suas cortinas de damasco, e as estatuas adornadas de flores, vellas e ramalhetes. Ranchos de romeiros faziam desde o portico a vizita das capellas; iam d'umas para outras resando em voz baixa, e quando chegavam ao patim da capella, ajoelhavam, um lia em voz alta a estação correspondente da *via-sacra* (150), e terminavam a visita, resando ou cantando algumas orações.

Os escadorios offereciam outro aspecto, que produzia outras sensações. Já não era a doce melancholia da primeira parte do monte; nem o coração já ahi se deixava impressionar do amor da virtude, compuncção d'alma, e sentimento religioso, que o occupa nos primeiros passeios do monte. Pelo contrário, os escadorios offereciam uma perspectiva alegre e divertida. Todas as estatuas estavam enfeitadas de cintas e corôas de flores, que lhes davam um aspecto risonho. Immensidade de romeiros subiam e desciam pelas escadas d'um e d'outro lado. Seus vestuarios differentes, e principalmente as mulheres, adornadas umas com seus pesados e compridos cordões d'ouro, e enfeitadas outras com seus antiquissimos vestidos de sarja de cinta curta, e com seus altos chapéus de veludo cobertos d'um choveiro de alfinetes, butões, laços, e d'um infinito número d'outros extravagantes enfeites, faziam a vista mais engraçada e variada. A avenida estava coberta

(149) Precedia todas as procissões um boi enfeitado de compridas cobertas, fitas de diversas côres, e outros enfeites; seguia-se um carro, conduzindo alta carrada de ramos de castanheiros, loureiros e hervas cheirosas; e logo depois muitos bombos e tambores. Assistimos a uma, em que iam seis bombos e doze tambores, tocando compassadamente, mas fazendo um insupportavel estrondo.

(150) Vej. nota 28.

de tendas ao longo dos parapeitos. O terreiro do templo, o dos Evangelistas, a avenida e principalmente a grande alameda, tudo estava povoado. Com quanto alguns ranchos continuassem ahi a visita dos passos, já não era nem podia ser com a devoção, que mostravam juncto das primeiras capellas; ranchos de romeiros cruzavam-se, cantando e dançando, e os homens com suas clarinetas, violas, rabecas e cavaquinhos acompanhavam as cantigas campestres e animadas das Minhotas. Esta parte do Sanctuario não parecia então um sítio consagrado á devoção e aos louvores do Altissimo. Cantigas campestres ao som d'aquelles instrumentos rudes e desafinados substituiam as vozes de penitencia e de amor de Deos, os canticos solemnes, entoados á paixão de Christo juncto das primeiras capellas. Era um arraial cheio de vida, um campo de alegria, danças e folguedo. Dura tres dias esta romaria, e em nenhum d'estes deixa de estar egualmente povoado o monte do Sanctuario, porque os romeiros, que não cabem nas hospedarias e quarteis, deixam-se ficar pela mata, e ahi descançam as poucas horas, que lhes sobram dos folguedos da noite até o raiar do dia, que de novo começam as festas, danças, cantigas e orações do dia antecedente.

VII

Do passeio da mãe d'agua, e do resto da mata.

Deixando o terreiro dos Evangelistas, subindo alguns metros pela mata na direcção de sueste, encontra-se um comprido passeio (151) tapisado de verdura, o qual con-

(151) 4^{m} de largura.

Est. 10ª

Lith. da Impr. da Universidade.

A MÃE D'AGUA

duz por debaixo de copado arvoredo a um tosco reservatorio d'agua, que lhe fica ao fim com assentos e mesa de pedra (152).

Ao longo do passeio corre o muro da cêrca do Sanctuario (153), e dentro d'elle um aqueducto descoberto, que principiando á flor da terra juncto da mãe d'agua acompanha-o a 2^m de distancia com insensivel declive. Na sua extremidade, perto do terreiro dos Evangelistas, a agua some-se em canos encobertos, e vae junctar-se 'num reservatorio sotterraneo, d'onde, distribuindo-se para as fontes dos Evangelistas, e tornando a junctar-se em outro reservatorio á entrada do terreiro, corre para a fonte de Hercules, e d'esta para um tanque na grande alameda detrás da capella da Resurreição.

Em volta da grande alameda e d'uma parte do terreiro dos Evangelistas a matta extende-se em declive, apenas cortada pelas íngremes estradas e tortuosos carreiros, que d'alli conduzem ás povoações visinhas: e ao longo do passeio da mãe d'agua fórma uma extensa e espaçosa cumiada, povoada de carvalheiras raras e pouco altas, entremeadas, nas proximidades do templo e do escadorio moderno, d'algumas terras de semeadura e hortas.

Apezar de estar desprezada esta porção do monte, o passeio da mãe d'agua não deve esquecer ao visitante. Seu molle pizo per sôbre musgo e folhas; seu parapeito grosseiro e despido d'arte, mas natural e coberto de hera; a agua docemente susurrando; e o sombrio do arvoredo, cujos ramos, tocando-se brandamente, fazem um som soidoso, lembram as encantadas ruas do Bussaco, e produzem uma doce melancholia, que insensivelmente embriaga os sentidos.

Cançado o espirito de tantas grandezas, que se admiram por todo o monte, com quanto prazer não busca o

(152) Estampa 10.ª
(153) Vej. na 4.ª parte os fundos do Sanctuario.

visitante este retiro melancholico, onde, livre das vistas dos homens, sem distracções a través do arvoredo, sem outra companhia mais do que a harmoniosa orchestra dos passarinhos, e o leve bafejar do vento, de vez em quando brincando nas folhas, como para distrahir-lhe a attenção, a sós finalmente com a natureza, possa dar todas as largas a seus pensamentos, a suas recordações, a suas saudades!!...

Temos concluido a parte descriptiva do Sanctuario do Bom Jesus do Monte. Narrar com exactidão todas as immensas bellezas d'este monumento religioso não é possivel: nem a lingua póde exprimil-as, nem a penna descrevel-as.

Oxalá que este nosso trabalho tivéra a fortuna de despertar desejos de verificar a realidade. Fôra então um beneficio ao Sanctuario, apenas sustentado pela Providencia Divina, e pela piedade dos povos; e a nós caber-nos-hia grande quinhão de gloria pelo seu crédito, porque os povos, que de longe viessem vêl-o, exclamariam, como a Rainha do Oriente, quando foi presenciar as maravilhas de Salomão:

«São maiores as tuas obras, do que a fama, que temos ouvido» (154).

---

(154) «... Major est sapientia et opera tua, quam rumor, quem audivi.» Reis liv. 3, cap. 10 ». 7.

QUARTA PARTE

Instituição e progressos do Sanctuario do Bom Jesus do Monte; graças espirituaes; legados e suas obrigações; govêrno da confraria, seus fundos, rendimentos e administração.

I

Instituição e progressos do Sanctuario.

O Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles diz na sua —Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga—ser tradição que no anno de 1494 edificára o Arcebispo D. Jorge da Cunha no monte Espinho uma hermida com a invocação da Santa Cruz, onde os povos íam em romaria no dia 3 de Maio por ser este o da sua invenção (155). O sítio desta capella era onde está hoje o escadorio moderno.

Em 1522 o Deão de Braga, D. João da Guarda, a reedificou e ampliou, e mandou abrir em uma das paredes lateraes a legenda, relativa a esta capella, que se vê hoje em uma das paredes do escadorio das virtudes, e que vae transcripta a paginas 41.

Desamparada, e quasi esquecida esta hermida após um seculo, pelas ruinas a que a reduziu o tempo, e a pouca vigilancia dos successores de D. João, conseguiram alguns devotos, á sua custa e com esmolas, reparal-a e restituil-a ao antigo estado de devoção; collocaram 'nella uma imagem de Christo com a invocação de Bom Jesus do Monte; e erigiram confraria em 1629.

Muito curaram os primeiros confrades da conservação d'esta hermida; e grandes obras premeditaram de fazer ahi, que por sua fama attrahissem os povos de longe.

(155) Vej. II—Graças espirituaes.

Para supprir a tamanhas despesas, para que não tinham rendimentos proprios, elevarám bailos e passos da Sagrada Escriptura por occasião das festividades do Santissimo Sacramento, e com seu producto e esmolas paramentaram a capella, fizeram ao sul alguns quarteis, a que chamaram *sala grande*, algumas capellas da Paixão, e a da Resurreição, muito imperfeitas, e differentes das que existem agora, e o antigo escadorio com os paredões de buxo, — e nomearam para alli um hermitão, que se encarregasse do aceio e paramentos da capella, e franqueasse a fabrica d'ella a quem a quizesse visitar.

Pelos annos de 1608 a 1610 o Deão de Braga, Francisco Pereira da Silva, pretendeu appropriar-se dos direitos e benesses da confraria com o fundamento de lhe pertencer a inspecção e administração da capella, como successor de D. João da Guarda, e pelo direito de appresentação, como Abbade da freguezia de S. Eulalia de Tunões, unida em perpetuo á sua dignidade. E porque os confrades se temeram da riqueza e poderío dó Deão, ficou este de posse da hermida até 1720, em que o Desembargador Juiz dos Residuos, vendo esfriar-se de dia para dia a devoção dos povos, reuniu a confraria, e elegendo uma Mesa de pessoas respeitaveis de Braga, intentou contra o Deão as demandas, que a prepotencia d'este e o receio da confraria tinham em seu principio abafado; e por último o Arcebispo D. Rodrigo de Moura e Telles, para pôr côbro a estas dissensões, devolveu a si por decreto seu de 7 de junho de 1722 a eleição da Mesa, dispensando por esta vez nos estatutos da confraria, e nomeou-se a si para Juiz, e alguns Conegos e outras pessoas respeitaveis para Mesarios.

Terminou desde então a contenda; e o Deão assignou perante a Mesa no dia 30 de Junho d'esse anno em seu nome e no de seus successores um termo de amigavel composição, pelo qual desistia, sob graves penas, de quaesquer direitos, que podesse ter sôbre as capellas, hermi-

das, casas, devezas, ou outras propriedades sitas no monte da Sancta Cruz, dentro ou fóra da cêrca, ainda que fôssem pertença da freguezia de Sancta Eulalia, e seus passaes, reservando apenas o fôro de duas gallinhas para si, e o de 300 réis annuaes para o vigario d'aquella freguezia, e a escolha de hermitão d'entre tres, que a Mesa lhe appresentasse. Este termo foi julgado por sentença aos 4 de agosto do mesmo anno, e confirmado pela Sancta Sé aos 4 de setembro de 1724.

Por este modo ficou a confraria gosando pacificamente de seus direitos até 1759, em que o vigario de Sancta Eulalia pretendeu assumir toda a inspecção sôbre celebração de missas, e escolha de capellães ou quaesquer outros sacerdotes e acolytos, como dependencia de seus direitos parochiaes. Todavia esta nova questão foi tambem decidida em favor da confraria por sentença do Tribunal da Legacia, que a considerou unica padroeira do Bom Jesus do Monte sem dependencia da freguezia de Sancta Eulalia.

Apezar d'estes contratempos continuavam as obras, que desde 1722 haviam recomeçado sob a direcção do Arcebispo D. Rodrigo de Moura e Telles.

Muito íngreme e quasi intransitavel era a antiga estrada, que de Braga conduzia para o monte do Bom Jesus, por causa dos socalcos e lamaçáes produzidos pelas aguas, que discorriam das serras e outeiros proximos. Por isso o Arcebispo D. Rodrigo mandou construir desde o sítio, que chamam — dos peões, pelas fraldas do monte, uma estrada, cujo leito segue a que existe hoje, e uma fonte encostada ao muro da Bouça de Sancta Cruz, a qual depois foi reformada com o letreiro:

FONTE DO SAN-
TUARIO FEITA NO
ANNO DE 1724
REFORMADA EM 1840.

Chegados porém os romeiros ao sítio das capellas, fôra-lhes ainda mister trepar carreiros abertos em montanha escabrosa e desegual. Para facilitar o accesso a estas capellas o mesmo Arcebispo mandou construir os actuaes passeios, que d'umas para outras conduzem.

São tambem do mesmo Arcebispo o portico do Sanctuario, a reforma das primeiras capellas, a fonte dos castellos, onde é hoje a das cinco chagas, o muro da cêrca do Sanctuario, para cuja demarcação comprou as devezas necessarias (156), e finalmente o primeiro templo, onde é hoje o terreiro da cascata. De todas estas obras as que existem ainda attestam na sua antiguidade e grandeza a mão poderosa, que as erigiu.

O templo era redondo (157); o adro circumdava-o. Em volta 'numa varanda rendada superior á cimalha algumas estatuas de anjos seguravam nas mãos os instrumentos da Paixão. Tinha tres portas — ao sul, norte e poente; sôbre esta, que era a principal, e que rematava com as armas archiepiscopaes, havia a seguinte inscripção (158):

CRUCIFIXO DOMINO SACRATUM HOC TEMPLUM POSTERITATI COMMENDAT ET ANIMAM SUAM ILLUSTRISSIMUS DOMINUS RODERICUS A MOURA TELLES, ARCHIEPISCOPUS BRACHARENSIS, HISPANIARUM PRIMAS, ANNO DOMINI NOSTRI JESU CHRISTI MILLESSIMO SEPTINGENTESIMO ET VIGESIMO QUINTO.

Sôbre o altar maior elevava-se o calvario como o do

(156) Vej. IV—dos rendimentos.

(157) 59^{m} em circumferencia.

(158) «O Illustrissimo Senhor D. Rodrigo de Moura e Telles, Arcebispo de Braga, e Primaz das Hespanhas, encommenda este templo, consagrado ao Senhor crucificado, e tambem a sua alma á posteridade no anno de N. S. Jesus Christo de 1725.»

templo actual: havia além d'este altar o de Sancto Antonio, e o de S. Rodrigo, que era privilegiado, e continha reliquias. Tinha o templo uma pequena sachristía detrás do altar mór.

Ao norte ou á direita d'elle erguia-se um elevado penedo, redondo e massiço, sôbre o qual foi edificada a torre. É o mesmo penedo, hoje quasi sotterrado, sôbre cujo pinaculo, unica porção que ficou á vista, está presentemente a estatua equestre de Longuinhos.

A vida do Arcebispo D. Rodrigo foi mais curta do que haviam mister as esperanças, que seu zêlo incançavel tinha dado ao Sanctuario. Falleceu em 4 de septembro de 1728, chorado dos que o conheceram, e venerado de todos os que tinham ouvido a fama de suas virtudes. Acha-se sepultado na capella de S. Giraldo, na Cathedral, defronte do altar, sem pompa, nem outro signal de sua sepultura, senão uma comprida campa com o seguinte epitaphio:

JAZ AQUI O ILLUSTRISSIMO S.^{or}
D. RODRIGO DE MOU-
RA E TELLES, ARCEBISPO
QUE FOI DE BRAGA, PRI-
MAZ DAS HESPA-
NHAS, E GOVERNOU
COM INTEIREZA
24 ANNOS ESTA
DIECEZE, DE QUE TO-
MOU POSSE A 5 DE
JUNHO DE 1704, E
FALECEU A 4 DE SE-
TEMBRO DE 1728.
REQUIEM AETERNAM DONA EI
DOMINE.

As Mesas, que se seguiram ao fallecimento do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, continuaram as obras

do Sanctuario com egual zêlo e devoção. A capella do descimento da cruz, a reconstrucção da da Resurreição, que fôra de princípio imperfeita, como fica dicto, as fontes de Jano e de Hercules defronte d'aquellas capellas, e as quinze estatuas do escadorio dos sentidos, datam d'este tempo, Para esta última obra foram especialmente applicadas as custas, em que os professores de latim de Braga tinham sido condemnados na questão com os Padres da companhia de Jesus sôbre competencia do ensino. D'esta épocha são tambem as seguintes obras, que havia na parte do monte hoje occupado pelo escadorio moderno.

De um terreiro irregular, que se seguia ao escadorio dos cinco sentidos, subiam dois lanços, cada um de 15 degraus, para um patim quadrangular (159) com assentos e parapeitos sôbre o poente. Fôra ahi o logar da primeira hermida, erigida em 1494; no pavimento d'este patim estava uma comprida lapida com o letreiro:

A
SEPOLT.ª
QUE MANDOU
FAZER P.º DO
ROSAREO
PRIMEIRO IR-
MITÃO
EM 1647.

Não nos consta que fôssem encontrados os ossos d'este hermitão; apenas appareceu uma caveira na demolição das obras, quando se construiu o escadorio das tres virtudes. A lapida lagêa agora o patim superior do ultimo lanço d'este escadorio.

Seguia-se uma gruta com a imagem de Sancta Maria

(159) De comprimento 11m; de largura 22m.

Magdalena no meio de um côro de anjos, um dos quaes tinha pendente da mão o letreiro (160):

VENI SPONSA CHRISTI, ACCIPE CORONAM.

Dentro da gruta havia uma fonte; e aos lados subiam em meio caracol sete degraus para o terreiro, em que estava o templo. Em 1842, que pela vez primeira visitámos o Bom Jesus do Monte, ainda vimos esta gruta e as escadas.

Ao norte sôbre um penedo, egualmente massiço e redondo, como o da torre do templo, mas um pouco menos elevado do que o d'esta, estava a estatua de Moysés na acção de feril-o com a vara, alludindo á fonte, que foi aberta no acampamento de Raphidim. Na peanha tinha a inscripção (161):

PERCUSSIENS BIS SILICEM VIRGA,
EGRESSAE SUNT AQUAE LARGISSIMAE.
NUM. 20, 11.

Em derredor do penedo viam-se outras estatuas na atitude de tomar da agua, que d'elle sahia. Este penedo acha-se soterrado pelo terrado, que está em construcção ao lado do escadorio. Entre este penedo e o da torre subia em meia volta uma escada de pedra para a *casa da torre,* assim chamada pela sua proximidade da torre do templo; restam d'elle os poucos degraus, que, segundo dissemos, communicam hoje esta casa com aquelle terrado.

Do sul havia casas para romeiros 'num terreiro, que tinha no centro um chafariz, chamado—*das lagrymas,* rematado pela esphera armillar, da qual se esparzia a agoa

(160) «Vem esposa de Christo, recebe a corôa.»
(161) «Ferindo duas vezes com a vara a pedreneira, sahiram d'ella aguas copiosissimas.»

em repucho sôbre uma grande bacia, e d'esta para um tanque.

Ao zêlo de Manuel Rebello da Costa e ás avultadas sommas, que de seu bolso dispendeu, deve-se uma grande parte d'estas obras, e das que existem até o terreiro dos Evangelistas.

Depois do Arcebispo D. Rodrigo ninguem concorreu tanto para o engrandecimento do Sanctuario, como este bemfeitor. Se ao primeiro cabe a palma da invenção, ao segundo se deve o complemento das obras de maior magnificencia do monte da Sancta Cruz.

A um e outro tem a posteridade tributado bem merecidos louvores; e seus nomes são repetidos um a par do outro pela bôcca dos devotos do Bom Jesus entre expressões de respeito e admiração.

Manuel Rebello da Costa falleceu em 1771; e jaz na Egreja do Convento das Freiras dos Remedios em Braga. Seu bom nome e serviços lhe mereceram que a Mesa, a que pertencia, désse por boa toda a despesa, por elle feita, sem termo d'esta, com dinheiros da confraria, como zelador que foi desde 1749-1771, e que em uma das pedras posteriores da fonte de S. Marcos, no terreiro dos Evangelistas, mandasse lavrar a seguinte memoria:

ANO DE 1767 SEN-
DO ZELLADOR
E BEMFEITOR
MANOEL RA-
BELLO DA COSTA.

Um dos successores de D. Rodrigo na mitra Archiepiscopal foi D. Gaspar de Bragança, que tambem lhe succedeu no zêlo pelo engrandecimento do Sanctuario. Este Prelado concedeu á confraria, por provisão do 1.º de outubro de 1765, a graça de ter no templo sacrario com o Santissimo Sacramento, consignando a Mesa d'antemão

a conveniente dotação para conservação do seu culto. D. Gaspar trabalhou tambem muito na edificação do novo templo durante os cinco annos, que lhe restaram de vida. Falleceu a 18 de janeiro de 1789; e jaz na capella mór da Cathedral na mesma sepultura, e debaixo da mesma campa do Arcebispo D. José.

Entre os bemfeitores, que no tempo e depois do Arcebispo D. Gaspar mais contribuiram para a edificação do novo templo, foi Pedro José da Silva, que lhe collocou a última pedra; e além de innumeraveis beneficios, que fez ao Sanctuario, alcançou pela Regia Resolução de 27 de janeiro de 1806 a provisão para a sua cerca.

Os tempos de devoção, interesse religioso e bom gosto dos instituidores ainda não são passados. As Mesas, que se lhes seguiram, e especialmente a Mesa actual, que desde muitos annos tão dignamente dirige o culto divino no monte da Sancta Cruz, tem succedido nas virtudes e ardente zêlo dos insignes prelados e bemfeitores, que as precederam.

II

Graças espirituaes concedidas ao Sanctuario.

Se a fama do Bom Jesus do Monte tem voado tão longe pelas grandiosas obras, com que a mão do homem converteu em ameno retiro uma escabrosa montanha, sua grandeza torna-se inda maior e mais duradoura pelas graças espirituaes, que o Céu derrama sôbre elle por mão dos Summos Pontifices.

Uma obra toda do mundo, um passeio de recreação, e pouco mais fôra o Sanctuario, se lhe faltára a benção

de Deus, que o torna um retiro de devoção e penitencia, onde o homem vae buscar a expiação dos crimes do mundo pelo derramamento das graças divinas.

Coube ao insigne Prelado D. Gaspar a gloria de completar as grandezas do Sanctuario, alcançando do Papa Clemente XIV tres breves de graças, indulgencias e privilegios, que foram concedidos a 20 de Julho de 1773.

O primeiro breve começa assim — *In iis, per quae animarum Christi fidelium salus procuratur;*—e concede 1.° por vinte annos, e em cada anno um plenissimo jubileu aos fieis, que confessados e commungados visitarem o templo do Bom Jesus, e'nelle orarem pela concordia entre os Principes Christãos, extirpação das heresias, e exaltação da Santa Madre Egreja; 2.° pelo mesmo tempo e por cada vez aos que, ainda sem confissão, visitarem as capellas da paixão e resurreição, todas as indulgencias, remissões de peccados e relaxações de penitencias, que conseguem os que pessoalmente visitam as estações da *via crucis* em Jerusalem; 3.° aos confessores approvados, designados pelo Arcebispo para confessarem'neste jubileu, os poderes para absolverem no fôro da consciencia de todos e quaesquer peccados, censuras, penas ecclesiasticas, e casos reservados, á excepção dos de heresia, simonia, duello, violação da clausura de convento de Freiras, e de recursos aos juizes leigos contra a fórma dos sagrados Canones, e para commutarem os votos simplices por outra obra pia, regulada a seu prudente arbitrio, não obstante quaesquer constituições apostolicas, e concilios.

O 2.° Breve começa — *Ad augendam fidelium religionem, et animarum salutem;* — e concede para sempre indulgencia plenaria, e remissão de todos os peccados aos fieis, que confessados e commungados visitarem o templo do Bom Jesus, e'nelle orarem pela concordia entre os Principes Christãos, extirpação das heresias, e exaltação da Sancta Madre Egreja nos dias da Invenção da Sancta Cruz, Ascensão do Senhor, Domingo de Ramos, da Re-

surreição e Pentecoste de cada anno desde as primeiras vesperas até o sol posto.

O 3.º começa — *Sacra interdum loca;* — e concede perpetuamente ao templo do Bom Jesus um altar privilegiado, que for designado pelo Ordinario, no qual os sacerdotes, que celebrarem missa por alguma alma do purgatorio, possam applicar-lhe a indulgencia, e conseguil-a por modo de suffragio.

Tamanhas graças, como as que por aquelle jubileu foram concedidas ao Sanctuario, não podiam deixar de despertar fervorosa devoção no povo de Braga, por natureza religioso. Em especial a confraria do Bom Jesus, auxiliada pelo Arcebispo D. Gaspar, tractou desde logo de espalhar por longe a fama do Sanctuario, publicando as innumeraveis graças e incomparaveis beneficios concedidos pela Sancta Sé, para que soasse como uma trombeta, como diz o Psalmista (162), e chamasse os povos a vir adorar a Cruz de Jesus Christo no monte do Sanctuario; e cuidou de demonstrar publicamente o seu regozijo por uma procissão ou passo sagrado, que representasse o jubileo em figuras allegoricas.

Com tudo estes festejos não tiveram então lugar, porque a execução dos Breves foi prohibida pela mesa censoria com o fundamento de que *tinham sido extorquidos em nome do Arcebispo, sem preceder consentimento seu; que a publicação d'elles, feita pela mesa, fôra clandestina, concebida em termos indiscretos e imprudentes, e com o fim de convocar os povos para d'elles tirar interesses pecuniarios e sordidos; que deixava preterida em silencio a Bulla da Cruzada, pela qual até eram suspensas as indulgencias maiores concedidas ás corporações ecclesiasticas seculares e regulares deste reino; e que até fazia*

(162) Psalm. 18, v. 5. Levit. c. 25, v. 9.

objecto de reserva e confissão os recursos ao Juizo da Corôa, no mesmo espirito da Bulla da Cêa (163).

Este desagradavel acontecimento desgostou a confraria, e geralmente todos os habitantes de Braga, que tão satisfeitos se haviam mostrado com as graças da Sancta Sé, e que levados de piedosos sentimentos se preparavam para festejal-as com as mais públicas demonstrações de regozijo.

Diminuiu tambem nas hermidas do Bom Jesus o concurso de romeiros, que alli affluiam, attrahidos pela noticia das grandes indulgencias; e fez cessar inteiramente as disposições religiosas, que já começavam de fazer-se para lucrar aquelles dons do Céu.

Mas não desanimaram os confrades na piedosa tarefa, e diligenciando pelo mesmo Arcebispo a renovação d'aquellas graças, alcançaram-nas de Pio VI, por tres Breves, dados em 18 de Março de 1778, que são uma repetição dos primeiros, sem com tudo se referirem a elles. Então tiveram logar a procissão e demais festejos, que estavam projectados por occasião dos primeiros Breves (164).

(163) Guarda-se no cartorio a noticia do jubileu publicada pela mesa, e o Edital da mesa censoria, que, prohibindo a execução dos Breves, mandou sob graves penas recolher todos os exemplares, que d'aquella noticia existissem.

(164) Existe no cartorio uma longa e muito circumstanciada descripção d'esta procissão, que foi singular pela sumptuosidade dos differentes carros emblematicos, e innumeraveis figuras allegoricas, de que se compunha.

É notavel a tendencia, que Braga sempre teve para os festejos públicos, especialmente por motivos religiosos. Além d'esta procissão, por certo unica no seu genero, citaremos os seguintes factos: as festividades do SS. Sacramento, que se fazem com toda a grandeza e dignidade, entre as quaes foram 'noutro tempo muito notaveis a de 1714 pelo Arcebispo D. Rodrigo com o passo da S. Escriptura, cujo assumpto era a profecia de David no Psalmo 33 «Benedicam Dominum in omni tempore; a de 1728 pelo Reverendo Agostinho Marques do Couto, e Jacome Borges Pacheco Pereira com o passo tirado do Gen. cap. 1.º, cujo assumpto era a magestosa obra, que Deos fez nos primeiros sete dias do mundo; a de 1753, sendo juiz o Reverendo Verissimo Ferreira Marques, Arcediago de Varmoim, com o sumptuoso passo da S. Escriptura, que teve por assumpto o Sacramento

Além das graças comprehendidas nos tres Breves acima referidos, concedeu o mesmo Pio VI ao Sanctuario as seguintes:

Em 20 de junho de 1778 concedeu, sem expedição de Breve, a instancias do Arcebispo D. Gaspar, uma indulgencia plenaria e perpetua aos fieis, que confessados e commungados visitarem o templo do Bom Jesus do Monte desde as vesperas até o sol posto dos dias da Exaltação da Sancta Cruz, Natividade, Conceição, Annunciação, Purificação, e Assumpção de Nossa Senhora em cada anno, e em todas as sextas feiras da quaresma.

No 1.º de julho do mesmo anno, a instancias do mesmo Arcebispo, concedeu o applicarem-se por modo de suffragio pelas almas do purgatorio as indulgencias concedidas pelo discurso de cada anno ao templo do Bom Jesus, cumprindo-se o theor dos respectivos Breves e indultos.

No mesmo dia conferiu ao Presbytero Domingos Ferreira, capellão do Sanctuario, o poder de benzer quinhentas veronicas, ou cruzes, ou crucifixos, e outras tantas corôas de contas, e de applicar-lhes a indulgencia plenaria para o artigo de morte.

A 18 do mesmo mez e a 22 de agosto, a instancia do Arcebispo, fez perpetuas as indulgencias concedidas por vinte annos no seu primeiro Breve.

No mesma dia 22 de agosto, a instancias do povo de Braga, concedeu perpetuamente aos seus habitantes, que por impedidos não poderem visitar o templo do Bom Jesus, o alcançarem as indulgencias, cumprindo em casa ou em

da Eucharistia, medicina universal, deduzido do Eccles. cap. 28; a procissão, com que o Reverendo Felis d'Araujo selemnizou o dia 24 de Junho de 1754, anniversario do nascimento de S. João Baptista, por meio d'um passo mythologico-sacro, que ainda ha pouco estava em uso fazer-se todos os annos, e que presenceámos em 1843, correndo as ruas da cidade desde sol nado até sol posto; e os festejos, que o Arcebispo D. Gaspar fez pelas ruas da cidade em 15 de Setembro de 1760 pelo casamento da Serenissima Princeza do Brasil com seu thio o Infante D. Pedro.

alguma egreja da cidade as obras pias, em que o confessor lhes commutar a visita do templo.

A 13 de maio de 1780 concedeu aos Presbyteros João Teixeira e Bento Ferreira, capellães do Sanctuario, o poder de benzer mil veronicas e crucifixos, e applicar-lhes as indulgencias.

A 4 de setembro transferiu para outro qualquer altar, que o Arcebispo designasse, o privilegio concedido em geral a um altar pelo 3.º Breve, commettido pelo Arcebispo ao altar de S. Rodrigo no templo antigo. Foi designado para este fim o altar mór do templo.

Em 21 de agosto de 1782 privilegiou perpetuamente os altares de qualquer egreja ou capella pública, em que se celebrarem missas pelos confrades defunctos, para que lhes aproveite este suffragio em cada uma d'ellas.

Em fim permittiu a 9 de novembro, a instancias da confraria, que os confrades impedidos de fazer a visita do templo do Bom Jesus alcancem as mesmas indulgencias por meio d'alguma obra pia.

O Arcebispo D. Fr. Miguel da Madre de Deos concedeu por portaria de 26 de março de 1822 cincoenta dias de indulgencia aos devotos, que resarem um Padre Nosso e uma Ave Maria diante da estampa do Senhor Bom Jesus do Monte, rogando a Deos pela exaltação da Sancta Fé Catholica, e pelas necessidades espirituaes e temporaes da Igreja e do Estado.

E finalmente os Summos Pontifices Pio VI e Pio IX concederam as indulgencias constantes das Bullas, que se acham gravadas de theor em lapidas na frontaria do templo, e que deixamos transcriptas a paginas 58.

As principaes festividades religiosas do Sanctuario são: a Paschoa de Pentecoste; Domingo de Ramos; a Ascensão do Senhor; as quatro primeiras domingas da quaresma; Domingo de Paschoa da Resurreição; quinta feira de *Corpus Christi;* dias de S. Pedro e de S. Paulo a 29 de junho; dia de S. Thiago a 25 de julho; dia da Assum-

pção de Nossa Snnhora a 15 de agosto; dia da sua natividade a 8 de septembro; dia de todos os Sanctos a 1 de novembro; dia da invenção da Sancta Cruz a 3 de maio; dia do seu triumpho a 16 de julho; dia da sua exaltação a 14 de septembro.

Nos primeiros tempos foi a invenção da Sancta Cruz a festividade principal do Sanctuario, porque, segundo fica dicto, a primeira hermida teve a invocação da Sancta Cruz, e ahi faziam os povos romaria no dia da sua invenção. A devoção, muita antiga em Braga, pela Sancta Cruz deu origem á irmandade, que se erigiu em 1581, e que no anno de 1625 construiu o templo magnifico do *campo* dos remedios, em Braga; e é tradicção dever-se a instituição d'esta irmandade á devoção de Jeronymo Portilho, mestre de meninos, que tinha por custume orar com estes juncto d'uma cruz alçada onde hoje é aquelle templo.

Actualmente a principal festividade religiosa do Bom Jesus celebra-se no triduo da Paschoa de Pentecoste pela fórma seguinte, que transcrevemos textualmente dos Estatutos:

« Na Paschoa de Pentecoste de cada um anno celebrar-se-ha 'neste nosso Sanctuario com a maior e mais pomposa solemnidade possivel a festa principal d'esta nossa confraria, e do mesmo Sanctuario, o que os mesarios e principalmente o juiz executarão do seguinte modo.

« No sabbado, vespera da festividade do Espirito Sancto, cantar-se-ha no altar mór a missa solemne da exposição, e no fim d'ella será o Sanctissimo Sacramento conduzido em procissão á sua capella, na qual ficará exposto e patente por todo o dia.

« No Domingo de Pentecoste, logo que o clero estiver juncto, expôr-se-ha na sua capella o mesmo Sanctissimo Sacramento, e depois da sua exposição cantar-se-ha no altar môr a missa da mesma, ficando o Sanctissimo Sacramento patente no seu throno até á tarde, na qual a

horas convenientes se cantarão na referida capella mór solemnissimas vesperas, e no fim d'estas ir-se-ha em procissão á capella do Sanctissimo, e ahi se encerrará, cantando os hymnos e preces competentes.

« Segunda feira, que é a primeira oitava, expôr-se logo de manhã o Sanctissimo Sacramento, e no fim da sua exposição cantar-se-ha a missa solemne no altar da capella mór, tudo na fórma do dia antecedente.

« De tarde haverá sermão, no qual se publicarão as eleições dos novos mordomos das capellas; e no fim d'este far-se-ha a procissão solemne com o Sanctissimo Sacramento em volta da egreja, ou por aquelles arruamentos contiguos, que bem parecer á Mesa, com tanto que não haja indecencias, nem se exponha o Sacramento a profanações; e recolhendo-se á capella mór, ahi ficará exposto sôbre o seu altar; e immediatamente se lhe cantará um solemne *Te Deum* em acção de graças; e dada a costumada benção ao povo, será conduzido em procissão á sua capella, e ahi recluso no sacrario. »

III

Legados deixados ao Sanctuario, e suas obrigações.

Dos documentos archivados no cartorio da confraria, que nos foram confiados, constam os seguintes legados:

Em 1663 Pedro do Rosario, primeiro hermitão, deixou ao Sanctuario o legado de 24$000 réis, com a obrigação perpetua de duas missas no 1.° de janeiro com um responso sôbre a sua sepultura, e mais tres em quaesquer dias do anno.

Deixou-lhe tambem vinte medidas de pão meado, das quaes ficariam treze pertencendo desde logo ao Sanctuario com obrigação de duas missas, e as outras sete seriam usufruidas por seu herdeiro, e por morte d'este reverteriam ao Sanctuario com obrigação de mais uma missa. Com tudo a confraria nunca recebeu estas sete medidas, por se terem perdido no poder dos herdeiros de Pedro do Rosario; e por isso tambem nunca se cumpriu a obrigação da ultima missa.

Em 1724 o Arcebispo D. Rodrigo de Moura e Telles deixou 2:000$000 réis, com a obrigação de uma missa diaria por sua alma.

Já em sua vida havia este Arcebispo posto no Sanctuario um capellão para dizer todos os dias uma missa por sua tenção com o ordenado de 60$000 réis, o qual continuou depois da sua morte, e é tirado dos juros d'aquelle legado, podendo com tudo ser augmentado até a importancia de todo o rendimento, se pelo tempo adiante tambem crescessem as esmolas das missas.

Em 1755 João Pereira Fajardo 900$000 réis, com obrigação perpetua d'uma missa por sua alma em todos os domingos e dias sanctos.

Em 1757 Francisco Ribeiro da Silva 300$000 réis, com obrigação de estar uma alampada constantemente accesa na capella do descimento.

Em 1765 Jeronymo Pessoa Monteiro, Abbade reservatario de S. Martinho de Gondomar, 1:600$000 réis, com obrigação perpetua d'uma missa diaria com as seguintes clausulas (palavras formaes da escriptura) — *e nunca poderão ser de* requiem *ainda nos dias semiduples e feriados, e nestes taes dias, conformando-se com as rubricas, as dirão votivas, e será tam sómente aquella missa votiva, que se acha no fim do missal Romano, que tem por rúbrica — missa para alcançar graça para bem morrer, — e todas as missas serão applicadas por aquellas pessoas, por quem quiz elle dicto Reverendo Abbade, ins-*

tituidor do dicto legado, ellas valessem, e assim conforme a tenção, que elle teve.

Em 1766 Luciano Pinto Nogueira de Sousa 2:800$000 réis, com obrigação perpetua d'uma missa diaria por sua alma, e pela de seus parentes dentro no quarto gráu, e pelas almas mais necessitadas do purgatorio, a qual seria dita por um capellão, que habitasse no Sanctuario.

Em 1767 Manuel Rebello da Costa 2:000$000 réis, com obrigação d'uma missa diaria com as tenções seguintes: a do domingo pelos bemfeitores do Sanctuario, a das segundas feiras pelas almas do purgatorio, a das terças feiras pela d'elle instituidor, a das quartas feiras pela de sua mulher, a das quintas feiras por seus filhos, a das sextas feiras por seus pais, a dos sabbados por seus avós.

Em 1773 o Conego Antonio Xavier Rebello 100$000 réis, com obrigação d'uma missa cantada por alma do Arcebispo D. José, no dia 3 de junho, anniversario da sua morte.

Em 1787 uma devota 240$000 réis, com obrigação perpetua de doze missas annuaes por sua tenção e de seus parentes nos seguintes dias: tres ternos de missas em dia de natal, uma em dia da Sancta Cruz, outra em dia da Ascensão do Senhor, e outra em dia do Espirito Sancto.

Em 1791 um devoto 94$000 réis, com obrigação de tres missas annuaes por sua tenção no templo em dia da Sanctissima Trindade, ou em outro qualquer, quando 'naquelle não podér ser.

Em 1800 um devoto 28$800 réis, com obrigação de uma missa annual.

Em 1806 José Pereira Ferraz 4:000$000 réis, com obrigação de se fazerem ao anno as exposições do Sanctissimo Sacramento nos seguintes dias: dia de todos os Sanctos, Domingas da quaresma, á excepção da quinta, por ser em Braga a procissão do Senhor dos Passos,

quinta e sexta feiras sanctas, em quanto o Senhor estiver patente da custodia, e não havendo endoenças, Domingo de Paschoa, dia da Ascensão do Senhor, triduo do Espirito Sancto, dia da Invenção da Sancta Cruz, dias de S. Pedro e S. Paulo, não havendo nesse anno endoenças, dias de Sant-Iago maior, e da Natividade e Assumpção de Nossa Senhora.

Este legado devia reduzir-se a bens de raiz, que rendessem ao menos 5 por $\frac{o}{o}$, recebendo no entanto a confraria 200$000 réis, como juros, dos herdeiros do instituidor pelas hypothecas consignadas na escriptura. A licença para esta compra de bens de raiz foi concedida por provisão de 13 de agosto de 1811; mas como não tenham até agora apparecido bens de raiz, que por aquelle preço segurem o rendimento de 5 por $\frac{o}{o}$, continúa ainda a mesa da confraria a receber dos herdeiros os juros.

Em 1808 Manuel José Gomes 200$000 réis, para veneração da capella das reliquias.

Em 1821 Constantino José Gomes 3:600$000 réis, em dezoito apolices ou padrões a juro de 6 por $\frac{o}{o}$ com obrigação de se acrescentarem mais 40$000 réis annuaes ao ordenado de cada um dos capellães.

Em 1823 Antonio José Duarte de Carvalho 300$000 réis, com obrigação d'uma missa annual por sua alma, e pela de sua mulher.

Em 1835 D. Joaquina Candida do Loreto Azevedo e Silva 300$000 réis, com obrigação de duas missas annuaes por sua alma, uma em dia de S. Joaquim, e outra no da Sancta Cruz.

Em 31 de agosto de 1850 Maria Joanna, do concelho de Villa Nova de Famalicão, viuva, 300$000 réis, com obrigação de se accender uma lampada com azeite a Nossa Senhora das Lagrimas na capella da unção.

Em 26 de janeiro de 1853 Jeronymo Antonio Ferreira, 2:000$000 réis, com a obrigação perpetua de uma missa em todos os dias da semana, sanctificados ou não

sanctificados, as quaes devem ser ditas sempre na mesma egreja.

Em 29 do mesmo mez e anno D. Maria Benedicta da Veiga, do *Campo* da Senhora Branca na extremidade oriental de Braga, 700$000 réis, com obrigação de uma missa em todos os domingos e dias sanctificados, ao meio dia, por sua alma e pelas de seu pai e irmãos.

Em 7 de setembro de 1855 Antonio José da Silva, da rua do Anjo da cidade de Braga, 100$000 réis, com obrigação de uma missa e responso em cada anno por sua alma.

Em 19 de maio de 1858 D. Anna Candida Felicissima Leite, moradora no referido *Campo* da Senhora Branca, 165$800 réis, com obrigação de séis missas annuaes, sendo duas por sua alma, duas pela de sua irmã falecida D. Maria, e as duas restantes pela do seu herdeiro e testamenteiro, o Reverendo Abbade de Valbom, Francisco Rodrigues de Oliveira Araujo.

Segundo as Bullas da Sancta Sé os legados, cujas obrigações não forem cumpridas, revertem em beneficio do hospital de S. Marcos, de Braga.

IV

Fundos, e rendimentos da confraria.

Os fundos e rendimentos da confraria constam de bens de raiz, medidas de pão, dinheiro a juro, esmolas de devotos, e joias de entrada dos confrades.

Os bens de raiz comprehendem só o monte do Sanctuario. Uma parte d'elle acha-se demarcado por grandes

marcos com as iniciaes B. J. (Bom Jesus), e tem em toda a sua extensão cerca de 2560^{m}, sendo 536^{m} pelo nascente, 917^{m} pelo norte, 124^{m} pelo poente, e 983^{m} pelo sul, como consta da demarcação e atombamento, a que se procedeu por virtude da Regia Resolução de 27 de janeiro de 1806, pela qual o Principe Regente concedeu ao Sanctuario essa porção da montanha com licença de a usufruir, plantar arvores, e resguardar as nascentes d'agua. Esta porção é a cerca do Sanctuario, e está murada desde por de traz da capella do castello d'Emmaús ao longo do passeio da mãe d'agua até perto da capella da crucifixão. Algumas poucas terras de semeadura dentro d'esta demarcação, e um pequeno terreno, chamado a *bouça verde*, que fica de fóra ao norte da capella da crucifixão, são os passaes do Sanctuario.

Todo o de mais terreno do monte é baldio e inculto, por ser quasi todo pedregoso. A citada Regia Resolução prohibiu que ainda assim se aforasse a particulares, com o justo receio de que sob pretexto de melhoramentos de agricultura se cortassem arvores, e se diminuisse a belleza natural da montanha.

As medidas eram cincoenta *rasas* de pão meado, trinta e sete das quaes não consta d'onde viessem, e foram vendidas; e as treze restantes são as que deixou Pedro do Rosario em seu testamento com as obrigações de missas, como fica dicto; mas d'estas só restam seis, porque as demais foram vendidas em 1772, e seu producto dado de juro.

O capital das joias de entrada, e legados dados a juro subia antigamente a oito contos duzentos e quarenta mil reis afóra os legados do Arcebispo D. Rodrigo, e de José Pereira Ferraz. Porém hoje acha-se muito reduzido, porque as obras indispensaveis do novo templo, a compra de devesas na montanha para arredondar a demarcação, e a reedificação dos quarteis arruinados na invasão franceza consumiram avultados capitaes. Todavia para cubrir

este desfalque determinam os estatutos da confraria que não possa tirar-se d'este fundo dinheiro algum, e que todos os annos se lhe addicionem cem mil reis do que sobejar dos rendimentos do legado de José Pereira Ferraz, os quaes, se a tanto não chegar esse sobejo, serão inteirados com o producto das esmollas, e dados de juro, logo que fôr possivel, assim como quaesquer sobejos d'outros rendimentos da confraria.

Em quanto aos legados de D. Rodrigo e de José Pereira Ferraz, formam tambem parte dos fundos da confraria, e a cada um accrescem todos os annos os sobejos de seus rendimentos depois de satisfeitas todas as despesas, para que foram instituidos.

Os rendimentos, porém, que mais avultam no Sanctuario, são as esmolas dos devotos e dos visitantes.

O Sanctuario conta desde seu principio, e principalmente depois do estabelecimento da confraria, numero consideravel de bemfeitores, que tem concorrido para o seu augmento com avultados donativos em dinheiro, alfaias, materiaes de toda a especie, offrendas de pão e vinho pelo S. Miguel, e mil outras cousas; e (o que é mais para agradecer) os pobres lavradores das visinhanças ficaram desde a edificação do novo templo no costume de virem ahi trazer á sua custa e em seus carros toda a pedra necessaria para as obras, — costume por extremo louvavel, e que, se bem pesado á maior parte d'elles, é um verdadeiro testemunho da sua devoção pelo Bom Jesus do Monte.

Não era possivel conservar os nomes de todos os bemfeitores e visitantes, que por alguma fórma tem concorrido, e constantemente concorrem para o engrandecimento do Sanctuario, porque entre o innumeravel concurso de devotos, que todos os dias lhe levam suas esmolas, uns não deixam seus nomes, e outros por modestia, que muito é de respeitar, obrigam a Mesa a occultal-os. Mas os principaes beneficios e donativos mais consideraveis constam

dos termos das Mesas, escripturas e documentos archivados no cartorio.

Muito para admirar é certamente que uma obra tão grande, como o Bom Jesus do Monte, tão rica de mão d'obra, tão dispendiosa por sua extensão e bom gosto, tenha sido feita com esmolas, donativos, e com essas mesquinhas sobras dos legados; e ainda é mais para admirar que 'nestes tempos de penuria, em que todas as grandes obras e bellos monumentos de gosto e antiguidade do nosso Portugal, que tamanho brado deram na historia, ou caminham tão de vagar na sua reconstrucção, ou vão decaindo com o tempo á mingoa de meios, o monte do Sanctuario conte de cada vez mais bemfeitores de toda a parte, e cresça, como por encanto, de dia para dia!

V

Governo da confraria, e administração do Sanctuario.

A confraria do Bom Jesus do Monte é governada desde seu princípio por estatutos, que tem sido modificados, alterados, ou accrescentados segundo as novas exigencias do andar dos tempos. Os ultimos são de 1821.

Por estes estatutos o governo da confraria está dividido em tres poderes com attribuições differentes — a Mesa da confraria — a Juncta de deputados — e a Juncta da confraria, que se compõe de certo número de delegados, eleitos pela confraria d'entre seus membros para certos fins.

Todas suas differentes attribuições segundo o gráu de gravidade dos negocios, que lhe incumbem, são extensamente determinadas nos estatutos.

A Mesa é eleita annualmente pela Juncta da confraria, e compõe-se de treze membros, cada um dos quaes tem seu emprego differente; e são os seguintes — Juiz da Confraria, e na sua falta um presidente da Mesa; cartorario; secretario; ministro do culto divino: vedor da fazenda; vedor das obras; thesoureiro da confraria; thesoureiro dos legados de D. Rodrigo e de José Pereira Ferraz; zelador das esmolas; zelador das estampas e das medidas do corpo e do braço da imagem do Bom Jesus; procurador da confraria; mordomo do templo; e mordmo das capellas.

As decisões da Mesa carecem de que estejam presentes ao menos sete vogaes, e em certos casos nove.

A Juncta de deputados compõe-se da Mesa com mais quatro dos que serviram no anno anterior, os quaes são para esse fim eleitos por escrutinio secreto pela Mesa, logo que toma posse.

As suas decisões devem ser tomadas por treze membros pelo menos; podem com tudo chamar-se, para supprir o logar dos que faltarem, até tres dos que já tiverem servido em Mesa.

A Juncta da confraria, representante de toda ella, compõe-se de vinte e cinco vogaes, em que entram os treze da Mesa.

Ha tambem no Sanctuario tres capellães fixos, um sacristão, e um hermitão.

Como e quando é eleito cada um d'estes poderes, suas attribuições geraes, e as obrigações especiaes de cada membro da Mesa, e dos capellães, sacristão e hermitão relativamente ao governo da confraria, administração e fábrica do Sanctuario, acham-se extensamente determinadas nos estatutos da confraria.

FIM.

RELAÇÃO

DOS SENHORES ASSIGNANTES

Albano de Albuquerque Coutinho e Lemos 5 *exempl.*
Albino José Vieira das Neves
Alvaro Ernesto de Seabra
Andre Joaquim Pereira
D. Anna Albina Brandão
D. Anna Augusta Sousa Gomes
D. Anna Izabel de Albuquerque Côrte-Real
Antonio de Abreu de Lima de Moraes 9 *exempl.*
Antonio de Almeida Pedroso
Antonio de Almeida Galafura Carvalhaes Sarmento
Antonio Augusto de Macedo
Antonio Augusto de Sousa Azevedo Villaça
Antonio Ayres de Pinho
Antonio Canaes de Campos Vieira
Antonio de Carvalho
Antonio da Costa Correia Amaral
Antonio Ferreira Soutto e Silva
Antonio Ferreira de Abreu
Antonio Joaquim da Silveira
Antonio Joaquim de Freitas
Antonio Joaquim Guedes 5 *exempl.*
Antonio Lopes da Costa
Antonio Maria José de Mello Silva Cesar e Menezes
Antonio Maria Seabrá de Albuquerque . 2 *exempl.*

Antonio Mendes Duarte e Silva
Antonio Nogueira Simões de Moura
Antonio Nunes Alves
Antonio R. d'O. Lopes Branco 30 *exempl.*
Antonio Ribeiro Leitão
Antonio de Sequeira Dias
Antonio de Vasconcellos e Sousa
Augusto Ernesto de Castilho e Mello
Barão de Sancta Comba-Dão
Bento Miguel Pereira Leite
Cassiano Augusto Alves Pessoa de Amorim
Casimiro Abranches de Andrade
Casimiro Augusto Ribeiro de Albuquerque
Domingos João da Silva
Duarte de Pinna e Abreu
Padre Fernando Amaro dos Sanctos Albuquerque
Fernando Soares Pinto Mascarenhas
Frederico Augusto Pimentel
Frederico Augusto de Sousa
Francisco Augusto da Silva Ribeiro
Francisco da Costa e Sá Côrte-Real 6 *exempl.*
F. E. P. de Figueiredo
Padre Francisco Esteves dos Sanctos
Francisco Ferreira de Abreu
Francisco Joaquim da Cruz
Francisco Lopes Gavicho Tavares de Carvalho 10 *ex.*
Francisco Marques de Figueiredo
Francisco de Paula e Figueiredo
Francisco Perestrello Marinho Pereira
Francisco Pereira de Miranda
Padre Fructuoso Ferreira das Neves
Gaspar da Costa Pereira de Vilhena 10 *exempl.*
Germano Adelino de Andrade
Gonçalo Caldeira Cid Leitão
Jacintho José dos Sanctos Paiva
Padre Joaquim Alves 2 *exempl.*

Joaquim de Mello Pinto Leitão
Joaquim Homem de Moura Portugal
Joaquim Marques da Silva Mello
Padre Joaquim Pereira de Sousa Ribeiro
Padre Joaquim Vaz Barreiros
Joaquim Verissimo de Almeida
Joaquim Wladislau de Moura Pacheco
João Gonsalves Pereira Bastos
João Ribeiro da Rosa e Magalhães
João Rodrigues Pereira Coelho
Padre João Rodrigues Pinto
Padre João da Rocha de Figueiredo
José de Abranches Homem Costa Brandão
José Alves Correia da Cunha do Carvalhal
Padre José Bernardo
José Caetano de Tavares da Costa Lobo
José Eduardo da Cunha e Costa
José Isidoro Guedes — 10 *exempl.*
Padre José Ferreira de Abreu
José Gonsalves Brandão
Padre José Joaquim Leal Rebelhos
José Joaquim Penha Fortuna
José Joaquim Vieira
José de Lemos e Napoles
José Luiz Pires Fajardo
José Maria Fernandes
José Maria Forte Gatto
José Maria Lopes de Carvalho Baptista
José Maria de Tavares da Costa Lobo
José Maria de Vasconcellos Azevedo Silva Carvajal
Padre José Maria Viegas de Oliveira
José de Mello
José de Moraes Pinto de Almeida
José Pereira de Lima
José Ribeiro de Sousa Figueiredo
Padre José Rodrigues Manta

José dos Sanctos Sousa
Julião Sarmento de Vasconcellos e Castro
Luiz J. d'Oliveira 3 *exempl.*
Luiz de Mello e Sá
Luiz de Pinna Cabral
Macario de Castro e Sousa Pinto Cardoso 6 *exempl.*
Manuel Antonio de Sequeira
Manuel Augusto Pessoa da Silva
Manuel da Cunha Paredes 4 *exempl.*
Manuel de Gouveia Osorio
Manuel Joaquim de Almeida e Santos
Manuel José da Silva
Padre Manuel Martins
Manuel Simões da Rocha
D. Maria Lodovina Pereira de Macedo Coutinho
D. Maria do Patrocinio Barata Velloso
D. Maria Quiteria de Castro Henriques
Padre Maximo de Abreu e Cunha
Miguel Antonio de Sousa Horta
Miguel José Raio
Olympio Nicolau Rui Fernandes 2 *exempl.*
Pedro Xavier Ferrão
Thomaz Cabral Soares de Albergaria 4 *exempl.*
Thomaz Ignacio de Moraes Sarmento e Vasconcellos
Vicente Ferreira de Abreu
Visconde da Borralha
Visconde de Taveiro

SEGUNDA RELAÇÃO

DOS SENHORES ASSIGNANTES

Adriano Pereira Leitão
Padre Antonio da Annunciação
Antonio Bernardino Cerqueira Lobo
Antonio Bernardino Guimarães
Antonio da Costa Oliveira Pinto
Padre Antonio Cunha
Antonio Durães de Faria
Antonio José Cerqueira
Padre Antonio José Correia
Antonio José Gomes, Junior
Antonio José Gonçalves
Padre Antonio José Pereira
Antonio José de Sousa e Costa
Antonio d'Ordaz Elvas Mascarenhas
Antonio Pereira da Costa
Antonio Pessoa de Amorim
Padre Antonio dos Prazeres Ribeiro
Arnaldo Ribeiro de Faria
Caetano Justino de Faria
Carneiro Marinhas

Domingos José da Costa
Felix Joaquim Carlos de Andrade
Francisco Alexandre de Araujo Aranha
Francisco Antonio de Affonceca e Brito
Francisco de Faro
Francisco Rodrigues Antunes Castanhinha
Gaspar de Abreu de Lima de Magalhães
Gaspar da Costa Sá Soutto-maior
Gregorio Nunes Giraldes
Hypolito Joaquim de Brito
Jeronymo Monteiro
Joaquim Guilherme Pereira Bandeira
Joaquim Luiz Ribeiro Silva
Joaquim Manuel de Oliveira Gomes Peixoto
João Antonio Alvares Pereira de Magalhães
João Bernardo Pereira Dias
João da Costa Termos
João Domingos Baptista
João Manuel Gonçalves Vianna
João Manuel Sousa de Abreu
João de Oliveira Grainha
José A. Azevedo de Magalhães
José Antonio Barbosa Lobo
José Antonio da Cunha, Junior
José Antonio de Sá Barbosa
José Antonio de Sousa Coelho
José de Araujo Pereira
José Claudino da Silva Guimarens

José de Freitas Sampaio e Castro
José Ignacio da Rocha Peixoto
José Lourenço Rodrigues
José Maria da Costa Banin
José Maria Gomes Ferreira
José Maria Jorge Pereira, Junior
José Maria Nogueira
José Matheus Catharina
José Mendes Alçada de Paiva
José Miguel Quaresma
José Nicolau da Rocha Faria Machado
José Thomaz Mendes Megre
Luiz Alberto Pereira de Barbosa
Luiz Candido de Tavares Osorio
Padre Luiz dos Remedios Pereira Barbosa
Manuel Antonio Gonçalves
Manuel Bento da Ascensão e Sousa
Manuel Bento da Rocha
Padre Manuel José de Araujo Rocha
Manuel José de Carvalho
Manuel Nunes Giraldes
Manuel Rodrigues
Manuel Thomaz Affonso da Silva
Manuel de Vasconcellos Guedes de Carvalho
Porfirio José Cerqueira de Faria
Rodrigo Antonio da Rocha Peixoto

Preço 1$000 réis.

Obras do mesmo Auctor

Annotações ao liv. 1.º da part. 1.ª do Codigo de commercio portuguez, que se inscreve — *Das pessoas do commercio*... 700 rs.
(As Annotações ao livro 2.º da mesma 1.ª parte do Codigo de commercio em continuação áquella obra estão no prelo)

Annotações aos titulos VII e VIII do liv. 2.º da part. 1.ª do Codigo de commercio portuguez, que se inscreve — *Das letras de cambio, livranças, letras de terra, cheques e cartas de credito*..... 360 rs.

Annotações aos titulos IV, secç. 1.ª do liv. 1.º da part. 1.ª, e XI, XII e XIII do liv. 3.º da mesma parte 1.ª do Codigo de commercio portuguez, que se inscrevem — *Do registro público do commercio, e das quebras, rehabilitação do fallido e moratorias*..... 480 rs.

Carta ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Gaspar Pereira da Silva, ácerca do projecto de lei sôbre fallencias..... 160 rs.

« Da Sciencia do Direito Romano e Canonico na Allemanha desde 1815..... 100 rs.